

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE
HABILITAÇÃO AUDIOVISUAL
ORIENTADORA: PROFA. DRA. DÁCIA IBIAPINA DA SILVA

AUTOR: HENRIQUE SAMPAIO WENSE

**A IMAGEM DO NEGRO NOS QUADRINHOS E NAS
PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS INFANTOJUVENIS**

PROJETO EXPERIMENTAL EM AUDIOVISUAL

BRASÍLIA
2º SEMESTRE DE 2015

HENRIQUE SAMPAIO WENSE

A IMAGEM DO NEGRO NOS QUADRINHOS E NAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS INFANTOJUVENIS

Projeto experimental apresentado à Banca
Examinadora do Curso de Comunicação Social
da Universidade de Brasília como requisito
parcial para obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Social Habilitação Audiovisual.

Orientadora: Profa. Dra. Dácia Ibiapina da Silva

BRASÍLIA
2º SEMESTRE DE 2015

HENRIQUE SAMPAIO WENSE
PROJETO EXPERIMENTAL EM AUDIOVISUAL

**A IMAGEM DO NEGRO NOS QUADRINHOS E NAS
PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS INFANTOJUVENIS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

BANCA EXAMINADORA

Dácia Ibiapina da Silva
Orientadora

Márcia Marques
Membro 1

Erika Bauer de Oliveira
Membro 2

Carlos Henrique Novis
Suplente

Data de defesa __ / __ / __

RESUMO

O trabalho analisa como a imagem do negro foi mostrada historicamente ao público infantojuvenil nos quadrinhos e nas produções audiovisuais. O estereótipo da imagem do negro difundida em quase todas as produções da primeira metade do século XX, os primeiros personagens que foram retratados de forma mais realista, a explosão de personagens surgidos na época da luta pelos direitos civis afro-americanos, o problema da representatividade e da abordagem do racismo nessas produções, as diferenças que existem na caracterização do negro em diversos países e, por fim, uma análise das representações do negro das produções atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Negro; Racismo; Preconceito; Representatividade; Estereótipo racial; Super-heróis negros; Equidade racial

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Adão Negro e Capitão Marvel	17
Figura 2 - Bilbolbul	19
Figura 3 - O Fantasma	20
Figura 4 - Azeitona	20
Figuras 5 e 6 - Personagens pickaninny	21
Figuras 7 e 8 - Whitewash	21
Figuras 9 e 10 - Wash Jones	22
Figuras 11 e 12 - Ébano	22
Figuras 13 e 14 - Steamboat	23
Figuras 15 e 16 - Negro Raúl	23
Figura 17 - Os Batutinhas	24
Figuras 18 e 19 - Dumbo	25
Figuras 20 e 21 - Scrub Me Mama with a Boogie Beat	26
Figuras 22, 23, 24 e 25 - Donald na África	26, 27
Figura 26 - Preta de Carvão e os 7 anões	27
Figura 27 e 28 - Al Jolson	28
Figura 29 e 30 - Shirley Temple e Pernalonga	29
Figuras 31 e 32 - Billy Batson	29
Figura 33 - Tom & Jerry	29
Figuras 34 e 35 - Mammy Two-shoes	30
Figura 36 - Jeremias	30
Figura 37 - Pelezinho	31
Figuras 38, 39, 40 e 41 - Mr. Popo e Jynx	31, 32
Figura 42 e 43 - Love lab e One Piece	32
Figura 44 e 45 - Mogli e Rei Louie, Sebastian	33
Figura 46 e 47 - Madame Creuzodete e XS	34
Figuras 48 e 49 - Little Black Sambo	34
Figura 50 e 51 - Fantasia	35
Figura 52 - A canção do Sul	35
Figura 53 e 54 - Turma titã	36
Figura 55 e 56 - Bootsie	37
Figura 57 - Jive Gray	38
Figura 58 - Torchy Brown	38
Figura 59, 60 e 61 - All-Negro Comics	39
Figura 62 e 63 - Franklin e Harlem Globetrotters	40
Figura 64 - Fat Albert e sua turma	40
Figura 65 e 66 - Raio Negro e Lobo	41
Figura 67 e 68 - Luke Cage	41
Figura 69 e 70 - Pantera Negra	42
Figura 71 e 72 - Lothar	42
Figura 73 e 74 - Lion Man e Waku	43
Figura 75 e 76 - Vykin e Capitã Marvel	43
Figura 77 - Tempestade	44
Figura 78 - Heróis da Milestone	44
Figura 79 e 80 - John Henry e Aço	46
Figura 81 e 82 - Anarquista e Batwing	46
Figura 83 e 84 - Blade e Blankman.....	47
Figura 85 - Brown Bomber	47
Figura 86 e 87 - Capitão América negro e E.X.O.	48
Figura 88, 89 e 90 - Falcão, novo Capitão América e Falcão Noturno	48
Figura 91 - Homem-Aranha (Miles Morales).....	49
Figura 92 e 93 - Ícone e Larval	49
Figura 94 e 95 - M.A.N.T.I.S e Mancha Solar	50
Figura 96 e 97 - Manto e Martha Washington	50
Figura 98 e 99 - Muhammad X e Núbia	51
Figura 100 e 101 - Poderosos Vingadores e Shadowhawk	51
Figura 102 e 103 - Spawn e Subir, subir e voar	52

Figura 104 e 105 - Superman presidente e Triatlo	53
Figura 106 - Tyroc	53
Figura 107 - Caverna do Dragão	55
Figura 108 - Power Rangers	55
Figura 109 - X-men	55
Figura 110 - Hey, Arnold	55
Figura 111 - Moranguinho	55
Figura 112 - Novos Vingadores	55
Figura 113 - Simpsons	57
Figura 114 - Smithers	57
Figura 115 - Nick Fury	58
Figura 116 - Agente K.C.	59
Figura 117 - As aventuras de Azur e Asmar	59
Figura 118 - Como irmãos	59
Figura 119 - Doutora Brinquedos	59
Figura 120 - A família Hathaways	60
Figura 121 - Família Radical	60
Figura 122 - Family Matters	60
Figura 123 - Guilhermina e Candelário	61
Figura 124 - Jett Jackson	61
Figura 125 - Kenan e Kel	61
Figura 126 - Kiriku	62
Figura 127 - Um maluco no pedaço	62
Figura 128 - Manual de sobrevivência escolar do Ned	62
Figura 129 - Milly e Molly	62
Figura 130 - A princesa sapo	63
Figura 131 - Super Why	63
Figura 132 - Todo mundo odeia o Chris	63
Figura 133 - True Jackson	63
Figura 134 - As visões de Raven	64
Figura 135 - Zica e os camaleões	64
Figura 136 - Uubu	64
Figura 137 - Balrog	64
Figura 138 - Afro Samurai	65
Figura 139 - Pedro	65
Figura 140 - Bob Makihara	65
Figura 141 - Aldebaran de Touro	65
Figura 142 - Rodrigo	66
Figura 143 - Anthy e Utena	66
Figura 144 - Sado	66
Figura 145 - Kaname	66
Figura 146 - As aventuras de Nhô Quim	66
Figura 147 - O talento de Juquinha	67
Figura 148 - Gibi	67
Figura 149 - Aventuras de Chiquinho	68
Figura 150, 151 e 152 – Lamparina, Azeitona e Maria Fumaça.....	68
Figura 153 - Pererê	69
Figura 154 - Pedrão	69
Figura 155 - Pelezinho, Neymar Jr. e Ronaldinho Gaúcho	70
Figura 156 - Princesas do mar	70
Figura 157 - Fulú	70
Figura 158 - Luana	70
Figura 159 - João e Júlio	70
Figura 160, 161, 162 e 163 - Memín Pinguín	71, 72, 73
Figura 164 - Judgement Day	74
Figura 165 - Capitã Marvel	75
Figura 166 e 167 - Capitão Marvel	75
Figura 168, 169, 170, 171 e 172 - I am curious (Black)!	76, 77, 78
Figura 173 e 174 - Arnold	78
Figura 175 - Galera do Barulho	79
Figura 176 - Blossom	79
Figura 177 e 178 - Cirilo	80

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 Objetivo	9
1.2 Problema	9
1.3 Justificativa	9
1.4 Hipótese	10
2. METODOLOGIA DE PESQUISA	11
3. REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1 Quadrinhos	13
3.2 Produções audiovisuais	14
3.3 Estereótipo	14
3.4 Representatividade ou presença	15
3.5 Racismo	16
3.6 Negritude e infância	16
4. O NEGRO NOS QUADRINHOS E NAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS	19
4.1 Personagens negros da primeira metade do século XX	19
4.2. A estereotipação da imagem do negro	28
4.3 Representatividade do negro	37
4.4 Racismo	72
5. CONCLUSÃO	83
6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	86
7. APÊNDICE A: SINOPSES DE PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS	91
8. APÊNDICE B: PRODUÇÕES PRESENTES NO DVD	93

1. INTRODUÇÃO

Racismo é o preconceito ou discriminação baseado em diferenças biológicas existentes entre os povos. Ao longo da história ele assumiu diferentes formas em nossa sociedade, sendo que a mais conhecida surgiu no século XVI, quando colonizadores europeus sentiram a necessidade de arrumar trabalho braçal a um custo baixo para trabalharem nas colônias africanas e americanas. Nas Américas, inicialmente, tentou-se escravizar os indígenas, povos que já habitavam essas terras, mas logo foram considerados pouco aptos ao trabalho, devido à grande diferença cultural e à facilidade de contraírem doenças. Os colonizadores brancos acharam necessário conseguir trabalhadores que agüentassem uma rotina de trabalho longa e disciplinada; e isso foi conseguido escravizando os povos do outro continente colonizado, a África.

Nesse continente, a escravidão já era uma prática antiga de diferentes povos. Inicialmente ela surgiu em pequena escala, conhecida como escravidão doméstica, onde membros de um vilarejo vencido em uma guerra ou condenados por algum crime se tornavam escravos. A escravidão se tornou um comércio em grande escala quando os árabes ocuparam o Egito e o norte da África no século VIII. Mesmo assim, ao contrário do que iria acontecer na América, o islã proibia maus-tratos aos escravos e estes tinham mais chances de conseguir a alforria, que era considerada uma conquista por merecimento. Até então, a escravidão era considerada apenas uma forma de conseguir trabalhadores, não existia uma questão racial. Essa questão surgiu quando os europeus criaram justificativas para impor aos povos dominados suas leis, e uma delas dizia que os negros eram “raças inferiores”. Além disso, passou-se a usar da violência física como forma de castigo para estabelecer essa ideologia, e também uma jornada de trabalho exaustiva.

Mesmo com o fim da escravidão no século XIX, os negros continuaram sendo considerados uma raça inferior em muitos países das Américas no século XX, seja de forma explícita (leis nos EUA até 1965 que negavam direitos aos negros, Apartheid na África), seja de forma velada (como aconteceu no Brasil após a abolição). Isso afetou a representatividade do negro nas produções ficcionais, onde eram criados essencialmente personagens brancos, e os negros, quando apareciam, eram extremamente estereotipados.

Nos dias atuais se realizam diversas tentativas de minorar o racismo e a falta de representatividade ainda existente por meio da criação de leis, da educação ou da conscientização. Uma forma importante para resolver esse problema é ensinar aos mais novos a importância do tema e como ele deve ser tratado.

Os quadrinhos e as produções audiovisuais estão entre os principais produtos consumidos pelo público infantojuvenil. Além de ser um passatempo, uma forma de recreação, também podem ser utilizados como forma de conscientização de diversas questões sociais.

Este trabalho visa discutir a imagem do negro nos quadrinhos e nas produções audiovisuais produzidas pelo Brasil, pelos Estados Unidos (já que são as produções mais consumidas em nosso país) e outros países, desde suas origens até os tempos atuais. Ele não tem como finalidade uma análise pedagógica do tema, até por ser um trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social. E sim de mostrar as diferenças históricas presentes nessas produções e que refletem como o tema foi e é tratado em nossa sociedade.

1.1 Objetivo

1.1.1 Geral

- Analisar historicamente a imagem do negro nas principais produções audiovisuais e publicações em quadrinhos.

1.1.2 Específicos

- Pesquisar e analisar os primeiros personagens negros nessas produções;
- Analisar a forma estereotipada como o negro é representado;
- Pesquisar os super-heróis negros e listar os mais interessantes;
- Fazer uma pequena análise quantitativa para verificar a representatividade do negro nos quadrinhos;
- Produzir um DVD com algumas das produções audiovisuais mais relevantes sobre o tema;

1.2 Problema

Como os quadrinhos e o audiovisual retratam a imagem do negro em suas produções infantojuvenis?

1.3 Justificativa

Em uma sociedade que prega a equidade racial, suas produções ficcionais devem refletir esse princípio. Principalmente as produções infantojuvenis, que acabam tendo um papel importante na formação de crianças e jovens.

Essa importância não se restringe em abordar o tema do preconceito racial, mas também em mostrar uma quantidade de personagens negros equivalentes à nossa realidade, e de uma forma não equivocada. E, com isto, gerar o sentimento de igualdade entre os consumidores dessas produções.

1.4 Hipótese

Como vivemos em uma sociedade cada vez mais preocupada com o politicamente correto, contraditoriamente, as questões raciais nas produções infantojuvenis estão sendo naturalizadas e cada vez menos abordadas pela mídia e por trabalhos acadêmicos.

2. METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa foi feita por meio de um motor de busca da internet (Google), onde se pesquisou o termo específico da produção (animação, desenho animado, filme infantil, quadrinhos) associado a algum termo relacionado ao negro (racismo, negro, racista, preconceito), tanto em português quanto em inglês. Com isso, encontrou-se diversos blogs, artigos, fóruns e até página no facebook que tratam do tema. A partir deles, foi feito um recorte das produções e personagens mais relevantes. Também foi feita uma pesquisa no site “TV Tropes”, que cataloga diversos assuntos e suas aparições nas diversas mídias (filmes, livros, quadrinhos, games, teatro...). Foi feita ainda, uma pesquisa bibliográfica, já imaginando existirem poucas publicações que tratam desse tema especificamente. Basicamente foram encontrados trabalhos acadêmicos que tratam de personagens negros adultos ou personagens negros na literatura infantil (que não é o foco deste trabalho). As exceções foram o artigo “Entre o grotesco e o risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil”, de Marcolino Neto (2015) e a tese de doutorado “O papel do negro e o negro no papel”, de Nobuyoshi Chinen. Este último fala sobre a dificuldade de encontrar bibliografia sobre o tema e conclui que existem poucos personagens negros nos quadrinhos brasileiros. Em nossa pesquisa, da mesma forma, a maioria dos personagens encontrados surgiu nos quadrinhos americanos e muitos deles tiveram versões em produções audiovisuais, acontecendo também situação inversa.

O *corpus* desta pesquisa é composto por quadrinhos infantojuvenis e produções audiovisuais comerciais voltadas para o público infantojuvenil, incluso também produções consideradas familiares (sitcoms, por exemplo) e que possuem personagens negros infantojuvenis (o que acaba chamando a atenção das crianças e dos jovens). A maioria delas são norte-americanas, mas o intuito deste trabalho não é focar na produção, e sim no consumo. Entende-se por “público infantojuvenil” a faixa etária entre 8 e 14 anos.

Com relação à análise da presença e construção de representações sobre o negro nos quadrinhos e nas produções audiovisuais voltadas ao público infantojuvenil, adotou-se uma perspectiva histórica, combinando dados quantitativos e qualitativos. A presença do negro se refere à aparição de personagens negros nas

produções analisadas. Para a construção de representações sobre o negro nas referidas produções, adotou-se o conceito de representação do sociólogo jamaicano radicado posteriormente no Reino Unido e um dos principais estudiosos dos *cultural studies* britânicos Stuart Hall. Para este autor:

Representation is an essential part of the process by which meaning is produced and exchanged between members of a culture. It does involve the use of language, of signs and images which stand for or represent things. But this is a far from simple or straightforward process, as you will soon discover. (HALL, 1997, p. 01)¹

Na análise qualitativa se procurou analisar as características dos personagens, mostrar como as questões raciais foram abordadas e as principais mudanças ocorridas com o passar do tempo.

Por fim, foi elaborado um DVD com algumas dessas produções, muitas delas censuradas até hoje.

¹ A representação é uma parte essencial do processo pelo qual sentidos são construídos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Envolve o uso da linguagem, de signos e imagens, que representam coisas. Mas este é um processo que está longe de ser simples ou direto, como você logo vai descobrir. (Tradução nossa).

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Além de alguns conceitos já apresentados anteriormente, seguem anotações sobre temas importantes para as análises realizadas nesta monografia.

3.1 Quadrinhos

Quadrinhos é uma forma de arte que une texto a imagens com a finalidade de contar uma história. Surgiu no século XIX e se popularizou entre o público infantojuvenil no começo do século seguinte, com o lançamento das revistas em quadrinhos.

Na década de 50, o psiquiatra alemão Frederic Wertham publicou o livro *Sedução dos inocentes*, na qual alegava que as histórias em quadrinhos incentivavam a delinquência infantojuvenil e diversos outros tipos de comportamentos moralmente condenáveis. O sucesso do livro causou uma censura nos quadrinhos: em 1954 foi criado o *Comics Code Authority*, código criado pelas editoras que regulamentava o conteúdo dos quadrinhos americanos (uma autocensura). Assim, revistas sobre crime/horror saíram de circulação, e os gibis de super-heróis foram suavizados, o que quase acabou com esse gênero (que já sofria uma crise após o fim da Segunda Guerra Mundial). A reformulação das histórias de super-heróis no final da mesma década nos EUA não só revitalizou os quadrinhos como os tornou o gênero mais vendido. Por um lado, o código foi ruim por censurar temas importantes (como o racismo). Por outro, foi importante por questionar o papel social dos gibis, e assim abrir portas para a criação de mais personagens marginalizados, como os negros.

Os quadrinhos, em geral, foram um meio de comunicação de massa importantíssimo para a causa negra. Foi um dos primeiros a mostrar personagens dessa raça e a discutir temas como o preconceito. Muitos dos seus personagens foram adaptados para as produções audiovisuais.

3.2 Produções audiovisuais

A primeira animação em um projetor de filmes moderno foi o *Humorous Phases of funny face*, de 1906 (usando *stop-motion*). Em 1908 surgiu o primeiro desenho animado, o francês *Fantasmagorie*. Cerca de 30 anos depois, Walt Disney lançou a primeira animação americana de longa-metragem, *Branca de neve e os sete anões*, e, em 1950, foi lançada a primeira animação produzida especialmente para a televisão (*Crusader Rabbit*). As animações fazem parte da vida de qualquer criança desde 1920 (quando as assistiam nos cinemas) até hoje, quando as assistem em diversos meios (televisão, cinema, computador, celular).

Os curtas-metragens de animação se tornaram populares na década de 20 e eram exibidos nos cinemas. Com a popularização da televisão, os curtas passaram a ser exibidos nesse meio e desde 1950, produzidos quase que por exclusividade, deixando para o cinema a exibição dos filmes de longametragem. No final da mesma década eles passaram a ser produzidos em grande quantidade, sendo o primeiro grande estúdio de animação o Hanna-Barbera. Sua primeira animação foi *Jambo e Ruivão*, em 1957; e depois dos sucessos de *Dom Pixote* e *Zé Colméia*, o estúdio estreou em horário nobre a animação *Os Flintstones*, em 1960. Além do pioneirismo no horário, a série também foi precursora em mostrar pela primeira vez um casal como personagens principais em uma animação e também a primeira a durar mais de duas temporadas (durou seis). Foi produzida apenas porque uma empresa de cigarros concordou em financiá-la, em contrapartida, no final dos episódios aparecia um comercial com os personagens do desenho fumando os cigarros da empresa (fato impensável nos dias atuais). No Brasil, os curtas de animação são conhecidos como “desenhos animados”, e nos EUA, como “cartoons”.

As produções audiovisuais infantojuvenis não se resumem a animações. Existem também os filmes de longametragem infantis e os seriados, tanto os voltados para o público infantil, quanto os voltados para adolescentes.

3.3 Estereótipo

Estereótipo é um conjunto de crenças relativas às características de um grupo, simplificações que permitem defini-los e caracterizá-los, descrevendo seus

membros de forma rápida e econômica no plano cognitivo (DESCHAMPS & MOLINER, 2009, apud SILVA, 2010, p.26). Existem duas direções: a que se volta para o grupo ao qual se pertence (auto-estereótipo) e a que visa um grupo distinto (hetero-estereótipo). Também possuem duas qualidades distintas: os positivos e os negativos (LIMA & PEREIRA, 2004, apud SILVA, 2010, p.26)

Segundo Joel Zito Araújo, no livro *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira* (2001, apud MARTINS), o negro na televisão é representado através de estereótipos negativos: a cultura negra é vista como folclore, o negro é mostrado como elemento de diversão para os brancos e também apresentado como pobre e favelado nos noticiários. Essa lógica se repete em diversos tipos de obras ficcionais.

No geral, podemos ver dois tipos de estereótipos relacionados ao negro: o cultural (pobre, bandido, semi-analfabeto) e o físico (pele muito escura e lábios muito grossos, a chamada “blackface”). Nas produções voltadas para o público infanto-juvenil, o estereótipo físico é o mais encontrado (em animações e quadrinhos produzidos até 1950), mas existem também exemplos de estereótipos culturais.

3.4 Representatividade ou presença

A quantidade de personagens negros nas produções ficcionais deveria ser equivalente à realidade, mas não é o que acontece. Além de poucos personagens, muitas vezes eles têm o papel apenas de coadjuvante. Em relação aos super-heróis isso é bem evidente: crianças brancas na hora de se fantasiarem de seus personagens favoritos possuem diversas opções: Batman, Super-homem, Homem-aranha, Mulher-maravilha, Flash, Wolverine, Capitão América, Super-moça (e dezenas de outros); enquanto que uma criança negra tem a opção apenas da Tempestade (se for menina; menino não tem opção). Hoje existem diversos personagens super-heróis negros, mas que sejam conhecidos por todas as crianças, podemos citar somente a Tempestade e talvez, o Lanterna Verde (o personagem John Stewart, do desenho animado, já que nos quadrinhos o super-herói é branco) e o Super Choque (animação do ano de 2000 que fez razoável sucesso). Estão previstos os seriados em *live-action* do personagem Luke Cage para 2016 e o filme do Pantera Negra para 2018, o que deve aumentar a popularidade destes personagens.

Logo, a representatividade não está ligada apenas a números, mas também à relevância dos personagens nestas produções.

3.5 Racismo

Racismo é o preconceito ou discriminação em relação à raça de outra pessoa. Preconceito é uma “antipatia baseada em uma generalização defeituosa e inflexível” (ALLPORT, 1954, apud SILVA, 2010 p. 23), e discriminação é “o preconceito determinando atitudes, políticas, oportunidades e direitos, o convívio social e o econômico” (VERÍSSIMO, 2013). Ou seja, a discriminação é o preconceito posto em ação.

O racismo tem como finalidade a diminuição dos direitos humanos da pessoa discriminada. Muitas vezes ele está associado à xenofobia (aversão a estrangeiros). Historicamente era utilizado para justificar o domínio de determinados povos por outros. Até a década de 1920, era visto como atitude normal em nossa sociedade. Entre as décadas de 40 e 60, surgiu um importante conjunto de mudanças sociais e políticas no mundo que fizeram com que o racismo passasse a ser combatido (SILVA, 2010, p. 25).

No mundo ocidental, ele acontece com mais frequência em relação a pessoas da pele negra, devido ao passado escravista que culturalmente ainda deixa rastros no comportamento de muitas pessoas. O racismo também atinge os indígenas e os asiáticos.

3.6 Negritude e infância

Silva (2010, p.1) afirma que, desde a infância, os negros convivem com um mal-estar por pertencerem à população negra. Brookshaw (1983, apud LOPES, 1987) alega que no Brasil, o preconceito contra o negro tornou-se mais evidente nas histórias infantis, onde a negritude era associada ao mal, e os que praticavam o mal eram negros. Podemos citar diversos exemplos: o Boi da cara preta, o Saci, a Moura Torta e o preto do saco (versão do “homem do saco”). Esse problema não se resume ao Brasil, encontramos também nos outros países: Candyman (lenda urbana americana sobre o espírito de um escravo que pode ser invocado se seu nome for

sussurrado cinco vezes em frente a um espelho), o Cão negro, o Corvo e os personagens “dark” na cultura pop infanto-juvenil (“sombrios” em tradução literal, mas aqui no Brasil traduzidos como “negros”, como por exemplo, os cavaleiros negros em “Cavaleiros do Zodíaco”, Fênix negra em “X-men”, ou os Jedis negros, que seguem o “lado negro da força” em “Star Wars”). Não necessariamente possuem o termo “dark” no nome do personagem (ex: Venom em “Homem-aranha”), o que têm em comum é o fato de serem versões más dos personagens bons, ou até “doppelgangers” (contrapartes, cópias idênticas de um personagem, mas sendo maligno), usando roupas escuras e às vezes até o tom da pele é mais escuro.



Adão Negro, versão maligna do Capitão Marvel (Shazam)

Monteiro Lobato, primeiro grande escritor infantojuvenil brasileiro, é considerado por muitos um autor racista, cujo preconceito não se resume a sua personagem negra mais famosa, Tia Nastácia (analfabeta, xingada e desprezada em diversas histórias), mas também é mostrado em outros personagens, como o Tio Barnabé (vive isolado em uma cabana nos confins do sítio), Saci (arteiro, só faz coisas que crianças não deveriam fazer) e também em personagens não pertencentes ao *Sítio do Pica-pau Amarelo*, como é o caso do Boca torta, escravo de um conto de mesmo nome cuja aparência causava estranheza e repugnância a ponto de fazer a filha do fazendeiro morrer só de olhar para ele (BROOKSHAW, 1983, apud CASTILHO, 2004). Ironicamente, muitos “contadores de conto” nessas histórias infantis brasileiras eram negros. Porém, é complicado acusar um autor como Monteiro Lobato de racismo em uma época onde era normal esse tipo de comportamento. Hoje, no Brasil, incentivado pela lei 10.639 de 2003 (que inclui o

ensino de história e culturas africanas e afro-brasileiras nas escolas), existe uma quantidade maior de personagens negros na literatura infantojuvenil, retratados com características mais positivas.

Os impactos do racismo em uma criança podem ser muito graves, devido não só a sua fragilidade emocional, mas também porque a criança ainda está desenvolvendo tanto a visão que ela tem das outras pessoas quanto a que tem de si mesma. Uma criança que sofre um ato de preconceito ou discriminação pode começar a alimentar uma imagem negativa de si mesma e de outros semelhantes a ela. É importante não só educar desde cedo a pessoa para respeitar as diferenças dos outros, como também ensinar a se proteger caso um dia sofra um ato de preconceito.

4. O NEGRO NOS QUADRINHOS E NAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS

Nas produções voltadas para o público infantojuvenil, existem basicamente três preocupações em relação à imagem do negro:

- Mostrar uma quantidade significativa de personagens negros (representatividade da raça);
- Evitar que as produções mostrem personagens negros estereotipados;
- Mostrar que o preconceito em relação à cor de uma pessoa é errado;

Ou seja, mostrar negros, não mostrá-los de forma equivocada e debater o preconceito. Inicialmente, nenhuma dessas preocupações existia, e o negro aparecia apenas como coadjuvante no papel de escravo ou habitante da África.

4.1 Personagens negros da primeira metade do século XX

Um dos primeiros personagens nos quadrinhos foi o **Bilbolbul**, criado pelo artista italiano Atilio Mussino em 1908. É considerado o primeiro quadrinho italiano, e provavelmente, o primeiro personagem negro principal de uma história em quadrinhos. Era extremamente estereotipado, mostrando uma versão deturpada do povo africano, como os futuros personagens afrodescendentes criados até o começo da década de 50.



Bilbolbul, em uma tirinha onde muda de cor a cada emoção diferente

Personagens negros nessa época eram tão raros, que até os heróis africanos eram brancos. **O Fantasma**, criado por Lee Falk em 1936, era descendente de um britânico branco que naufragou no país africano fictício Bangala, em 1536. Lá se tornou o primeiro super-herói “fantasma”, e todos os seus filhos o substituíram nessa função, até chegar ao 21º Fantasma em 1936. Nas primeiras histórias, negros apareciam apenas como pigmeus selvagens. Originalmente o país era supostamente asiático, mas desde seu começo possuía muitos elementos africanos, como animais e pigmeus, e assim se tornou oficialmente africano em 1960. Sendo asiático ou africano em sua origem, o fato do personagem branco de 1536 ter originado um 21º descendente caucasiano só mostra que na época, não se dava importância ao conceito de raça. Outra possibilidade é terem aparecido 21 britânicas náufragas na costa africana ao passar dos anos. Devido à incoerência da cor da sua pele, o personagem pode ser considerado a “Escrava Isaura” dos quadrinhos. Outro personagem branco e britânico cujas aventuras se passam na África é o Tarzan, criado na literatura, 24 anos antes. A imagem de pigmeus era comum não só nas histórias de ambos os personagens como na de qualquer personagem que visitasse a África.



O fantasma e Azeitona

Azeitona (Lil' Eightball), criado por Walter Lantz em 1939, é um exemplo de caricatura que nos EUA ficou conhecida como “pickaninny”, onde o personagem é retratado como uma criança preta com grandes olhos, lábios vermelhos enormes, geralmente careca se menino ou com pequenas tranças com laços se menina, e que dialogam utilizando diversos erros gramaticais, como por exemplo, usar “dose” ao invés de those e “mah” para my. Essa escrita é chamada de broken english, (inglês mal falado, ou “inglês quebrado”), característica comum a quase todos os personagens negros da época. Negros do sul dos EUA realmente falavam assim (e

alguns ainda falam), o problema é generalizar que todos os negros falam desse jeito, fora o fato de que brancos da região também falavam “broken english”, mas não existia personagem branco nessas produções com essa característica (a não ser que o personagem fosse retratado como sendo do Sul). Já “Pickaninny” é um termo provavelmente derivado do brasileiro “pequenino”, foi popularizada graças ao seu uso no romance “A cabana do Pai Tomás”, de 1852, que igualmente divulgou a imagem da mãe negra amável “mammy”.



Exemplos de personagens pickaninny

Em 1941, Stan Lee criou o primeiro personagem de destaque negro da editora Marvel, ironicamente batizado de “**Whitewash**” (“Cal” ou “Alvejante”, em tradução livre para o português). Era membro de uma equipe mirim, mas ao contrário de seus colegas brancos, ele não tinha poderes: era estúpido, covarde, supersticioso e servia apenas para ser salvo pelos seus companheiros. Também cometia erros grosseiros de inglês, a ponto de uma de suas primeiras falas ser “Eu também ser bom na melancia”.



Duas histórias diferentes com o personagem Whitewash mostrando sua covardia e estupidez

As histórias deste personagem só foram publicadas na década de 40, porém em 2009, a editora Marvel resolveu corrigir o erro ao explicar que Whitewash na

verdade era um personagem em quadrinhos que foi baseado no “real” personagem chamado “Wash Jones”, esse sim o verdadeiro membro da tal equipe mirim, chamada de “Jovens aliados”.



“Whitewash” foi reformulado e virou “Wash Jones”, na imagem suas versões jovem e idosa

Assim como Whitewash, outro personagem da época foi batizado com o intuito de fazer “piada” com a cor de sua pele: o **Ébano** (originalmente Ebony White), ajudante do herói Spirit. Criado por Will Eisner em 1940, o próprio autor explica que, naquela época, o humor era extraído de personagens raciais e que falavam mal o inglês (ARNOLD, 2003). Apesar de também conversar em um inglês quebrado e possuir lábios muito grossos, ele não era tão caricato, já que não era uma figura subalterna e nem ignorante (LEAL, 2014). Seria um meio termo entre os personagens negros de até então e os que viriam a surgir nas décadas seguintes. Com o tempo, o personagem foi suavizado, sendo um dos poucos “sobreviventes” desta época. Em 2007 foi mostrado como um garoto esperto das ruas, e em 2015 aparece já adulto, sendo um investigador policial.



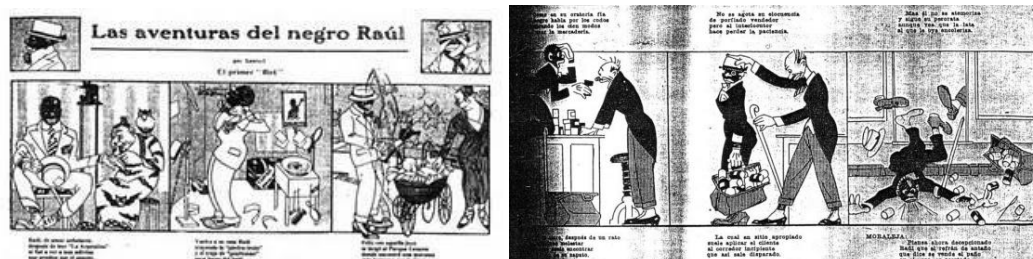
Ébano socorre o super-herói Spirit nos anos 40, e ao lado sua versão de 2007

Steamboat foi um assistente do super-herói Capitão Marvel. Criado nos anos 40 pela editora Fawcett, mesmo existindo na época uma lista que aconselhava seus roteiristas, dentre várias coisas, a não ridicularizar e nem discriminar grupos raciais. O personagem teve vida curta, já que em 1945 resolveram parar de publicar suas histórias depois da editora receber um abaixo-assinado pelo grupo Youth Builders, composto por aproximadamente 11 mil crianças (de diferentes raças) estudantes de escolas públicas de Nova York e Filadélfia, reclamando do personagem e de outras negativas representações de afro-americanos (COMIC BOOK RESOURCES, 2014). O nome do personagem também é uma piada com os negros, já que um barco a vapor (steamboat) é movido a carvão. O personagem era tão burro, que Billy Batson se transformava em Capitão Marvel na sua frente, e ele nem percebia que os dois eram a mesma pessoa (isso aconteceu diversas vezes).



Steamboat ameaça uma pessoa com uma navalha e não percebe a transformação do Capitão Marvel

Na América Latina (exceto o Brasil), o personagem negro mais antigo que se tem notícia é o **Negro Raúl**, criado pelo argentino Arturo Lanteri em 1916. Baseado em um personagem real, foi publicado em tirinhas diárias em tom de comédia, sem discutir questões raciais.



O Negro Raúl, personagem argentino de tirinhas

Já nas produções audiovisuais infantojuvenis, a primeira a mostrar negros sem distinção foi **“Os Batutinhas”** (Our Gang/Little Rascals, 1922), série que teve 220 curtas, um longa-metragem e foi produzido até 1944. Outra diferença para as produções da época é que nele, as crianças não imitavam os adultos. Esse foi um dos motivos para a criação da série. O outro foi que, anteriormente, a produtora tinha planejado uma serie de curtas com o ator mirim Ernest Morrison (primeiro ator negro a assinar um contrato de longa duração em Hollywood, em 1919, e também o primeiro a ter grande sucesso). Porém, os donos de cinema tiveram receio em exhibir filmes onde o personagem principal era um garoto negro, e por causa disso foi produzido apenas um curta. Querendo aproveitar o ator e também fazer filmes com crianças agindo naturalmente, o produtor Hal Roach criou Os Batutinhas. Além de Ernest (no papel de Sunshine Sammy), inicialmente existia também outro personagem negro, o Farina (Allen Hoskins). Com a saída de Ernest logo em 1924, ficou estabelecido que a turma teria apenas uma criança negra, e assim que Allen Hoskins fez 11 anos, foi substituído por Matthew Beard (Stymie) e este, anos depois, por Billie Thomas (Buckwheat). Era regra substituir os atores assim que ficassem velhos, mas criando novos personagens. O sucesso da série era tão grande que nos Estados Unidos se fazia um concurso nacional para escolher esses novos atores. Teve várias versões nas décadas seguintes, dentre elas um filme com o ator Gary Coleman em 1977, um desenho animado em 1982 e em 1994, a produção mais famosa após os filmes de Hal Roach, um longa-metragem que utilizou muitas piadas e subtramas dos curtas, além dos personagens Stymie e Buckwheat.



Sunshine Sammy à esquerda, e Farina à direita.

Nas animações, também era comum mostrar a imagem do negro estereotipada. Um exemplo é a animação **Dumbo**, de 1941, onde os negros que aparecem rapidamente são trabalhadores sem rosto cantando uma música cuja letra diz que “trabalham o dia todo por não saberem ler e escrever”. Na verdade, o fato deles não terem rosto não pode ser considerado racismo (os trabalhadores brancos também são mostrados sem rosto ou quase sem, apenas com nariz e orelha), nem de serem os únicos negros no filme, já que tirando os outros trabalhadores brancos, os únicos seres humanos que aparecem no filme são o dono do circo, um grupo de crianças brancas e um grupo de palhaços. O que é estranho é que os trabalhadores negros aparecem apenas durante essa canção, fazendo um trabalho braçal. Os trabalhadores que cuidam dos animais, e usam uniformes, são todos brancos. Outro fato que pode ser considerado racismo é a caracterização dos corvos que aparecem no final do filme: cantam jazz, usam gírias, são falantes (utilizando um inglês quebrado), preguiçosos e possuem sotaque sulista. O líder dos corvos se chama “Jim Crow”, mesmo nome de um conjunto de leis segregacionistas que existiram nos EUA entre 1876 e 1965.



Trabalhadores negros e trabalhadores branco em Dumbo(1941)

Nos quadrinhos e nas animações desse período, quase todos os desenhistas cometiam os mesmos erros ao representar um personagem negro. São poucos os que não estereotipavam seus personagens (Dark laughter em 1935, Torchy Brown em 1937 e All-Negro Comics em 1947 são umas das poucas exceções, todos produzidos por artista negros²), porém devemos entender que isso era o “normal” para a época. O fato de criar um personagem negro já era revolucionário naquele tempo, e ainda ter a preocupação com a caracterização do negro seria algo

² Esses artistas e seus personagens serão mostrados no capítulo “Representatividade do negro”

impensável para um artista branco. Ainda mais em um período onde personagens infantis fumavam e utilizavam armas de fogo sem pudores, ou seja, não existia muita preocupação com a mensagem que aquele produto estaria transmitindo. Mesmo com características inadequadas, esses personagens foram importantíssimos para a representatividade do negro nos quadrinhos e nas animações, pois, pelo menos, eles estavam sendo mostrados. A preocupação em não mostrar a figura do negro de forma estereotipada só começou a surgir na década de 50.

Um dos primeiros exemplos veio do Estúdio Universal, que em 1949 tirou de circulação a animação **Scrub Me Mama with a Boogie Beat** (*Esfregue-me Mama com uma batida Boogie*), lançada em 1941, por considerá-la ofensiva aos negros. A decisão foi um choque para seu criador, Walter Lantz (que também criou o Pica-pau), pois ele não considerava suas animações ofensivas:



Scrub me Mama with a Boogie beat foi censurada 8 anos após sua produção

E isso se estendeu para todos os estúdios. A Disney republicou algumas de suas histórias com suavizações nos personagens negros, como é o caso da história em quadrinhos **Donald na África** (Voodoo Hoodoo, 1949):

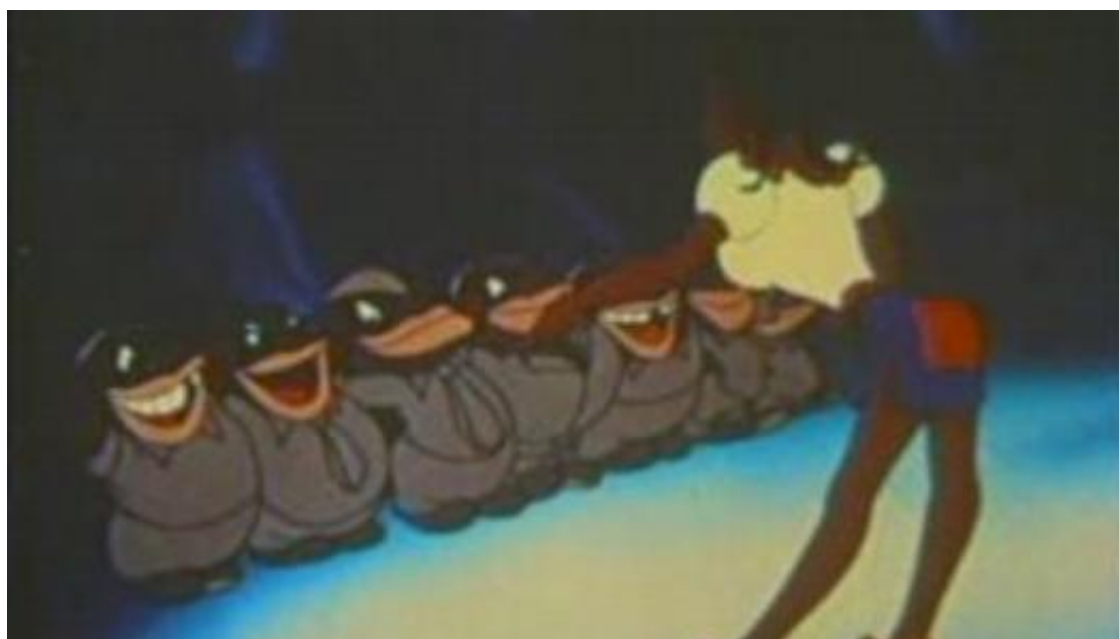


Na esquerda, como foi publicado originalmente. Na direita, como hoje é republicado



Na esquerda, como foi publicado originalmente. Na direita, como hoje é republicado

Em 1968, a Warner Bros resolveu tirar de circulação 11 animações que representavam os negros de forma pejorativa, essa censura ficou conhecida como “Censored eleven”.



“Preta de carvão e os sete anões”, uma das 11 animações censuradas

A partir dos anos 50, ou um trecho considerado ofensivo era cortado da produção, ou toda a produção era banida para sempre. Um dos problemas mais recorrentes nas produções da primeira metade do século XX foi a estereotipação da imagem do negro.

4.2. A estereotipação da imagem do negro

O *Blackface* surgiu no teatro americano no século XIX, nos chamados “Ministrel show”, espetáculos onde negros dançavam, cantavam e interpretavam personagens tolos e desengonçados. O sucesso dos menestréis foi tão grande que atores brancos passaram a se maquiar como negros para apresentarem o mesmo show, chegando à situação absurda de atores negros terem que anunciar que são “negros autênticos” (CHINEN, 2013, p.47). Esses shows foram responsáveis não só por popularizar a caracterização do *Blackface* (que logo foi utilizado na literatura e em seguida nos quadrinhos), como também a imagem do negro que fala errado e que serve de alívio cômico para o branco. No cinema, apesar de já ter aparecido em alguns filmes da época, como em *O nascimento de uma nação* (1915, David Griffith), ele foi popularizado por Al Jolson em 1927 no filme *O cantor de jazz* (considerado o primeiro filme sonoro) e em diversos filmes com o mesmo ator nos anos subseqüentes. O *Blackface* consiste em pintar a pele de preto e fazer um círculo em volta dos lábios para representá-los grossos (às vezes, é pintado de vermelho). Alguns artistas utilizavam luvas brancas, para contrastar com o rosto preto:



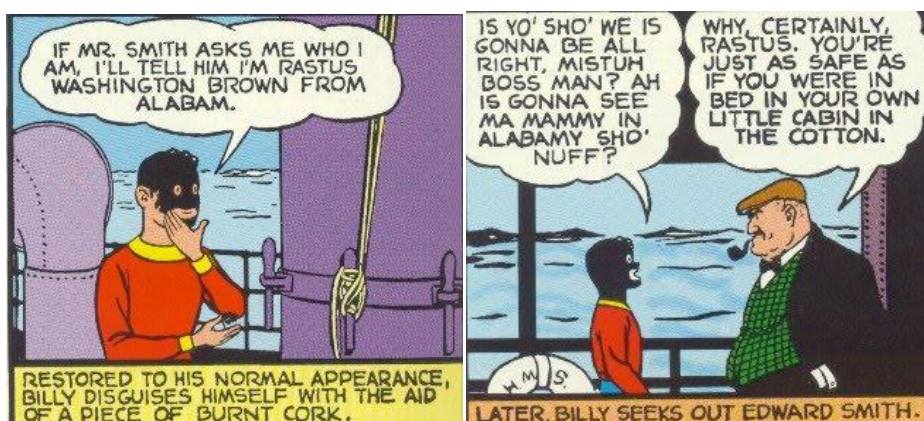
Al Jolson maquiado em duas das diversas produções em que utilizou o *Blackface*

Desde então, e até os anos 50, muitos negros foram representados dessa forma em filmes, animações e quadrinhos. Shirley Temple, atriz ícone dos filmes infantis da década de 30, também utilizou esse visual em uma cena de **A pequena Rebelde** (1935). Pernalonga também chegou a aparecer duas vezes utilizando *Blackface*, em **Any Bonds Today** e em *Fresh Hare*, ambas de 1942:



Shirley Temple e Pernalonga “disfarçados” de negros

Assim como o **Capitão Marvel**, que além de pintar seu rosto de preto, também conversou em um inglês mal-falado para fingir que era negro:



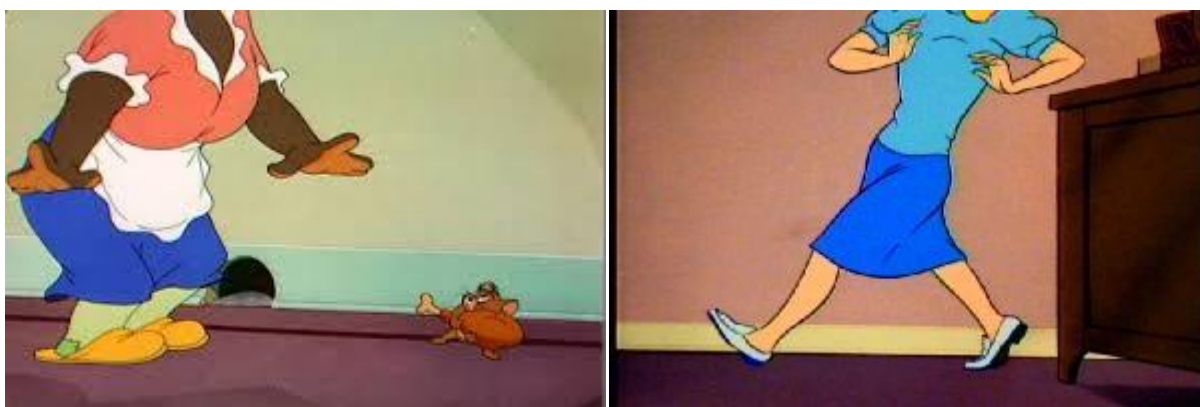
Billy Batson, alter ego do Capitão Marvel, se disfarçando de negro

Um dos exemplos mais famosos são os episódios antigos de *Tom e Jerry*, que mostravam os personagens pretos e com lábios grossos toda vez que sofriam alguma explosão, algumas vezes ganhavam tranças com fita:



Após uma explosão, personagens ficam com aparência de *Blackface*

A intenção era mostrar que os personagens ficavam negros por causa da pólvora do explosivo, mas depois dos anos 50 isso foi considerado ofensivo, e por isso todos os episódios que continham essas imagens foram editados. Pelo menos 26 episódios dessa animação foram censurados, e não só as que continham imagens estereotipadas de negros, mas de índios e chineses também (TOM AND JERRY ONLINE). Além da imagem, outro problema nessa animação era o sotaque dos personagens negros, muito forçado e com erros gramaticais grosseiros. Isso foi resolvido por meio de uma redublagem. E, por fim, Tom era o animal de estimação de uma personagem negra chamada *Mammy Two-Shoes* (aqui no Brasil geralmente ela era chamada de “Dona laiá”), que a partir dos anos 60 virou branca.



O antes e o depois da personagem “Mammy two-shoes”, em Tom and Jerry

O motivo deve ser por causa do nome “Mammy”, termo usado para chamar as escravas na região Sul dos Estados Unidos, e também porque a personagem, apesar de aparentemente ser a dona da casa (já que era o único ser humano que aparecia no desenho animado), se vestia e trabalhava como uma empregada.

Aqui no Brasil, os personagens negros mais antigos de Maurício de Sousa também foram redesenhados, para perderem sua estética de *Blackface*:



Evolução do personagem Jeremias



Pelezinho como foi publicado nos anos 80, e como foi republicado em 2014

Essas mudanças na representação física dos personagens negros aconteceram na maioria dos países ocidentais a partir da década de 50. Mas no Japão, apenas recentemente eles começaram a ter essa preocupação. Nos anos 80, o personagem **Mr. Popo**, de *Dragon Ball*, foi desenhado com lábios grossos e cor preta, assim como **Jynx**, um personagem do videogame dos anos 90 *Pokémon*, que acabou virando desenho animado:



Personagens japoneses criados nos anos 80 e 90

Aparentemente, esse visual não causou incômodo no Japão, já que diversos produtos foram licenciados utilizando dessa aparência em ambas as franquias. Mas com o sucesso das animações japonesas nos EUA no final dos anos 90, essas personagens se tornaram um problema.

Em janeiro de 2000, a crítica americana Carole Boston Weatherford escreveu um artigo intitulado *Pokémon politicamente incorreto*, onde faz duras críticas à personagem Jynx, considerando-a um estereótipo negativo para os afro-americanos.

A repercussão do artigo foi tão grande, que a versão americana de um novo jogo lançado no mesmo ano modificou a cor da personagem, mudando para roxo. Desde 2002 nos videogames e desde 2005 nos animes, a personagem passou a adotar esse novo visual. A mesma crítica também escreveu meses depois um artigo atacando o personagem Mr. Popo, de *Dragon Ball*. Como consequência, o personagem foi recolorido pelo canal de televisão 4Kids, em 2003, e teve os lábios diminuídos no mangá republicado nos EUA:



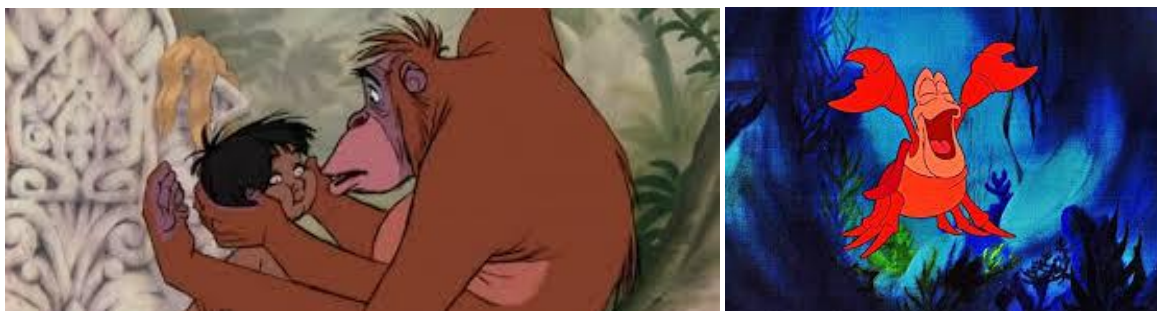
Versões “repaginadas” de Jynx e Mr. Popo

No Japão a última produção audiovisual com o personagem Mr. Popo foi em 1997, então não foi necessário modificar seus traços em seu país de origem. No país não existe o pensamento de que o visual *Blackface* é ofensivo (provavelmente por ser um país com poucos negros). Jynx foi modificada pela preocupação com o mercado internacional, não por motivos internos. Tanto que em 2013 o anime *Love Lab*, em seu oitavo episódio, mostrou personagens brancos pintados de negros. Em *One Piece*, de 2006, um personagem terciário foi pintado de branco quando o anime passou nos EUA, para não caracterizá-lo como tendo visual *Blackface*:



Love Lab e One Piece

A estereotipação do negro não se resume ao *Blackface*. Por exemplo, na animação da Disney, *Mogli*, de 1967, todos personagens animais possuem sotaque britânico. A exceção é o Orangotango **Rei Louie**, que possui dialeto sulista (em inglês, chamado de *ebonic* ou *AAVE*, uma variação afro-americana do inglês estadunidense), assim como todos os outros macacos. Além disso, o personagem é preguiçoso e meio burro, e canta uma música em que diz querer ser que nem os humanos. O personagem não existe no livro em que foi baseada a animação, até porque não existem orangotangos na Índia. Já no filme *A pequena sereia* (1989), também da Disney, o personagem **Sebastian** possui sotaque jamaicano e canta uma música onde afirma que viver no fundo do mar é bom porque não precisa trabalhar.



O orangotango Rei Louie e o caranguejo Sebastian

4.2.1. Negros com traços caucasianos

Um problema recorrente é que, com medo de serem tachados de racistas, os desenhistas estão criando personagens negros com traços caucasianos, o que acaba confundindo até os coloristas. A personagem Madame Creuzodete, por exemplo, foi concebida como uma personagem negra. Mas por ter traços caucasianos, o colorista a pintou de branca, e assim ela ficou (MONIPEDIA).

Fato parecido aconteceu nos Estados Unidos, na revista chamada Flashpoint, onde no material de divulgação da capa da revista aparecia uma personagem branca, quando na verdade o colorista errou, pois a personagem é negra (a super-heroína XS). Neste caso, deu tempo de consertar o erro, e a revista foi lançada com a cor correta:



Madame Creuzodete, XS como foi publicada e como apareceu na propaganda da revista

4.2.2 Outros exemplos de censura

The Story of Little Black Sambo (1899): Personagem surgido na literatura, teve versões animadas em 1935 e 1944 (esta foi retirada de circulação pelo ato conhecido como *Censored Eleven*). O problema principal é o nome da personagem, “O pretinho Sambo”, não só pelo termo “pretinho”, mas “sambo” (cafuzo, em português) é considerado um termo racial ofensivo na maioria dos países de língua inglesa. Por isso, em muitas de suas versões e republicações, foi renomeado para *Little Brave Sambo*, *The Story of Little Babaji* e *The Boy and the Tigers*.



Uma das primeiras edições do livro, e sua versão animada de 1944

Fantasia (1940): Desde 1969, a personagem **Sunflower** foi cortada da animação, pois no segmento *A sinfonia pastoral*, ela é mostrada numa caricatura pickaninny e trabalhando como serva para os outros centauros brancos. Fora que sua metade animal estava mais próxima de um burro do que a de um cavalo (corpo pequeno e peludo).



Como a cena é mostrada atualmente, com o corte da personagem; e como ela era inicialmente

A canção do Sul (1946). Primeiro filme da Disney a mostrar atores reais contracenando com personagens animados, e também o primeiro filme a dar um Oscar a um ator negro (Oscar honorário a James Baskett), além de ganhar também o Oscar de melhor canção, em 1948. Mesmo assim, esse filme é considerado racista por muitos desde a época de seu lançamento, quando Walt Disney foi alertado de que o filme mostrava os negros em situação de servidão e morando em casas simples. Disney se retratou dizendo que o filme se passa após a Guerra Civil, quando os negros já não eram mais escravos. Porém, o fato do personagem principal do filme ser um ex-escravo negro que canta músicas e conta histórias enquanto ainda vive na fazenda em que foi escravizado foi considerado inadequado anos depois até pela própria Disney. O filme não foi lançado em VHS nos Estados Unidos (aqui no Brasil, sim), e depois que a Disney conseguiu ter controle de todos seus lançamentos ao redor do mundo, o filme foi abolido de vez. Para se ter uma ideia, existe apenas uma versão oficial em dvd do filme em todo o mundo, vendido pelo Museu do Tio Remus, nos EUA (museu em homenagem ao livro que deu origem ao filme).



O problema nesta e em outras produções americanas não está apenas na suposta ofensa aos negros que elas possuem, mas também pelo fato dos Estados Unidos ter fobia em falar sobre a escravidão. Ao contrário do Brasil (que já retratou esse tema inúmeras vezes em novelas e em alguns filmes), são poucas as produções nos EUA que retratam a escravidão. O *Wikipedia* lista 62 filmes (*List of films featuring slavery*), destes, apenas cerca de 27 são produções americanas cujo tema principal seja escravidão dos negros (os outros são filmes estrangeiros ou em que a escravidão não é o tema principal). Por isso, é possível que muitas dessas produções foram censuradas não por serem ofensivas aos negros, mas porque os EUA não querem lembrar/mostrar seu passado escravista.

A censura não se resume a personagens negros equivocados, mas também a personagens negros bem formulados que acabam sendo censurados por racismo. O caso mais famoso nos quadrinhos foi em 1969, na editora DC Comics, quando os escritores Marv Wolfman e Lein Wein escreveram uma história onde a *Turma Titã* enfrenta uma gangue de adolescentes negros. Acabam sendo ajudados pelo super-herói Jericho, que no final revela ser negro (irmão de um dos membros da gangue) e afirma que se disfarçou de super-herói para provar ao seu irmão que era possível uma luta pacífica pela igualdade de todas as raças. A história estava pronta para ser publicada, quando o editor da época Carmine Infantino vetou sua publicação, alegando que a história pregava um “racismo ao contrário” devido a frases como “brancos metidos!”. A história foi redesenhada (Jericho virou um homem branco, assim como os membros da gangue) e os roteiristas, frustrados, pediram demissão.

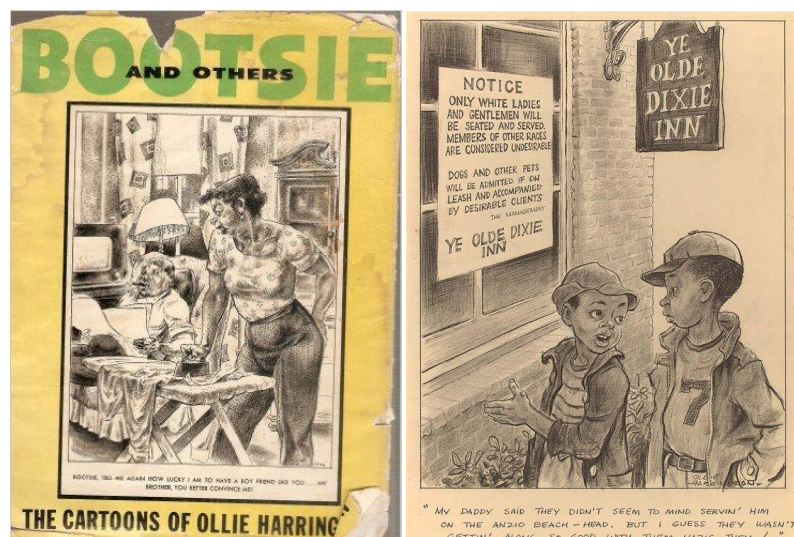


O final da história como foi publicada, e o final censurado

4.3 Representatividade do negro

Andrew Wheeler (2014, apud LEAL, 2015), redator do site *Comics Alliance*, em um artigo intitulado *Negritude radioativa e alienígenas anglo-saxões*, abordou a questão da representatividade das minorias nas produções atuais de super-heróis, ressaltando que a aparição de um negro ou outra minoria nessas produções são vistas como algo que precisa ser justificado, como se existisse um tipo de “negritude radioativa” para explicar o motivo do personagem ser negro. Já Robert Chipman (2009, apud LEAL, 2015) apontou um fato recorrente em personagens minoritários, o fato de eles serem definidos apenas pela minoria que representam, enquanto seus colegas brancos possuem histórias e características mais elaboradas. Poucos possuem personalidade multifacetada. Um exemplo que ele dá é o grupo dos quadrinhos Novos *Vingadores*, onde todos os super-heróis possuem codinome e roupas detalhadas e o único negro, Luke Cage, não tem codinome e se veste apenas de jeans e camiseta. Mesmo ainda tendo muito a melhorar, a representatividade dos negros nas produções infantojuvenis teve uma evolução significativa nos últimos 80 anos.

Uma das primeiras publicações visuais a tratar o negro como ele realmente é e a discutir o preconceito foi *Dark laughter*, publicada em 1935. Era uma tirinha de apenas um quadrinho escrita pelo cartunista negro Oliver Harrington onde o personagem principal afro-americano **Bootsie** tinha que lidar com o racismo. Em 1941 o autor publicou outra tirinha, **Jive Gray**, que tinha um soldado negro como personagem principal.

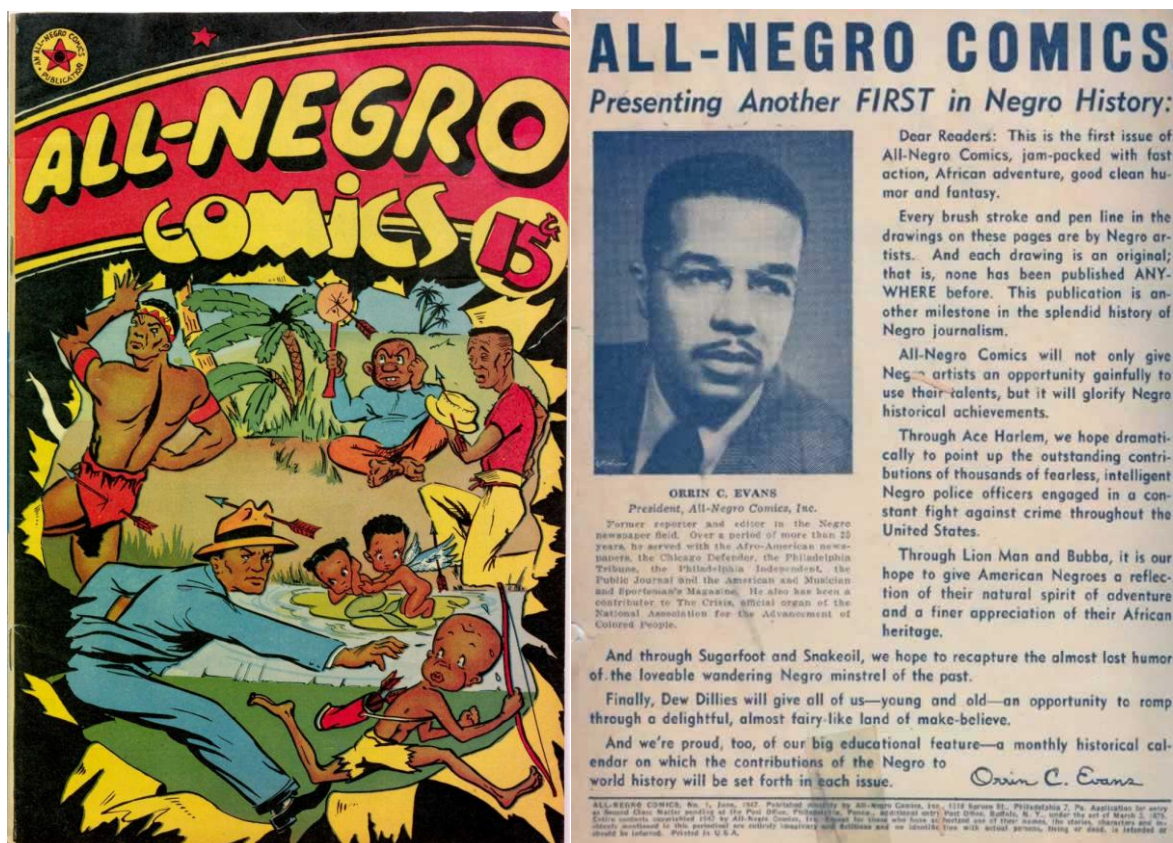




Em 1937, a primeira cartunista negra americana, Jackie Ormes, criou a personagem **Torchy Brown**, adolescente do Mississippi que se torna rica e famosa cantando e dançando no *Cotton Club*. É considerada a primeira personagem negra americana independente.

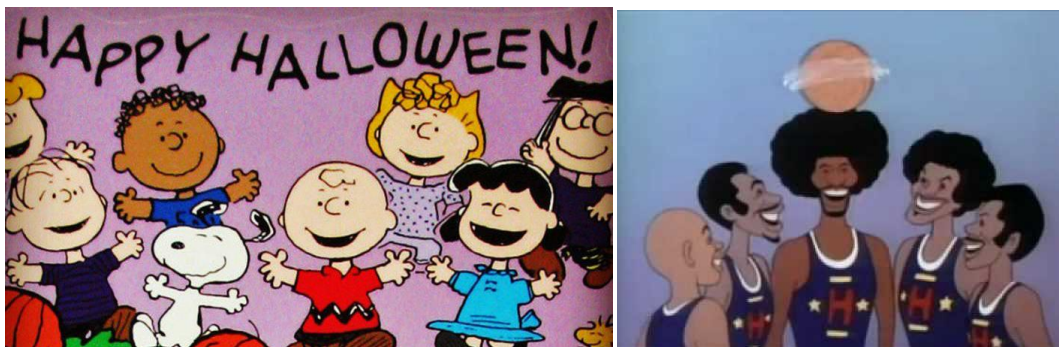


A primeira revista em quadrinhos escrita e desenhada por artistas negros foi a *All-Negro Comics*, publicada em 1947 e tendo tido apenas uma numeração (não existem informações sobre vendas ou distribuição, mas acredita-se que foi distribuída na Filadélfia). Foi criada pelo jornalista Orrin C. Evans, patriarca dos jornalistas negros e militante da organização NAACP (Associação Nacional pelo Progresso das Pessoas de Cor), que acreditava que super-heróis negros poderiam ser uma referência positiva para todas as crianças afro-americanas (BASÍLIO, 2005). A revista também possuía todos os seus personagens negros, dentre eles “Ace Harlem”, detetive que investigava crimes no Harlem, e “Lion Man”, um agente da ONU. Uma segunda edição chegou a ser produzida, porém sem conseguir apoio dos fornecedores de papel, Evans teve de cancelá-la (CHRISTOPHER, 2002). Assim como nas outras publicações produzidas por negros, a sua imagem não era estereotipada.



Capa da revista em quadrinhos All-Negro Comics, seu editorial e alguns de seus personagens

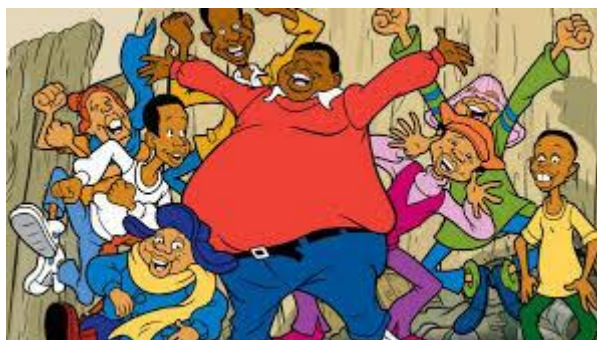
Onze dias após o assassinato do ativista político Martin Luther King, a professora branca americana Harriet Glickman escreveu uma carta ao cartunista Charles Schulz, pedindo que criasse um personagem negro para a turma de Charlie Brown, tirinha que fazia muito sucesso na época (PILGRIM, 2014). Para sua surpresa, recebeu uma resposta de Schulz, mas negando seu pedido, já que tinha receio de parecer muito condescendente para o público negro. O desenhista até entendia a causa, mas temia ser criticado pela postura. Depois de nova insistência por parte da professora, Schulz criou o personagem **Franklin**, que estreou em julho de 1968.



Franklin, da turma de Charlie Brown, e os Harlem Globetrotters

Em 1970, estreou nos EUA o primeiro desenho animado onde a maioria dos personagens principais eram negros. Baseado no time de basquete de mesmo nome, **Harlem Globetrotters** foi produzido pela Hanna-Barbera. Em 1979 fizeram uma nova série, agora com os personagens sendo super-heróis, os “Super Globetrotters”.

Em 1972, **Fat Albert and the Cosby Kids** estreou na televisão, sendo um dos desenhos de maior duração na televisão americana (8 temporadas). 1965-1979 foi um período onde aconteceu um “boom” na criação de personagens negros infantojuvenis, principalmente nos quadrinhos de super-heróis.



Fat Albert e sua turma

4.3.1 Super-heróis negros

Super-herói é um tipo de personagem que possui extraordinários talentos ou poderes e que tem como objetivo proteger os cidadãos. Surgiram nos quadrinhos, e devido à sua popularidade junto ao público infanto-juvenil, muitos destes personagens tiveram suas versões em animações ou em filmes/seriados com atores.

Uma das principais editoras de quadrinhos é a norte-americana DC Comics. O primeiro super-herói negro a possuir revista própria nessa editora seria o

personagem “Black Bomber”, mas o lançamento de sua revista foi cancelado, pois suas características foram consideradas inadequadas. Ele seria um racista branco que se transformaria em um super-herói negro sempre que ficasse estressado. Ele vestiria um uniforme de basquete e não se lembraria do que acontecesse enquanto estivesse transformado (obviamente inspirado no incrível Hulk). Solicitaram então a Tony Isabella, roteirista da editora, que reformulasse o personagem, e assim foi criado o super-herói com poderes elétricos **Raio Negro**, em 1977.



Raio Negro e o pistoleiro Lobo

Cinco anos antes, a editora rival Marvel Comics já havia lançado uma revista com o um personagem negro como título principal, o **Luke Cage**. Ele faz o que a maioria das pessoas fariam se ganhassem superpoderes: vende seus dons, se transformando em um “herói de aluguel”. Porém, o primeiro super-herói negro a ter uma revista em quadrinhos própria surgiu na editora Dell Comics, que lançou **Lobo** em 1965, sendo uma revista do gênero de faroeste. Durou apenas 2 edições.



Luke Cage dos anos 60 e sua imagem atual

Pantera negra é considerado o primeiro super-herói negro da história (se considerarmos o “super-herói clássico”, uma pessoa com superpoderes que veste uma fantasia), criado pela Marvel em 1966. Seu criador, Stan Lee, jura que o nome do personagem não foi inspirado no grupo radical a favor dos negros surgido no mesmo ano nos Estados Unidos. Tanto que, com a fama da organização, o personagem passou a ser chamado apenas de “Pantera” por um bom tempo.



Pantera Negra em sua primeira aparição e sua versão atual

Anteriormente já haviam sido criados outros super-heróis negros, mas não tendo destaque, como é o caso de **Lothar**, o melhor amigo de Mandrake. Criado em 1934 pelo mesmo criador de “O Fantasma”, Lee Falk, é considerado o primeiro super-herói negro e também o primeiro personagem negro a ter destaque nos quadrinhos americanos. Inicialmente, o personagem vestia uma pele de leopardo, chapéu turco e falava muito mal o inglês. Em 1965 sua roupa foi alterada e ele passou a falar inglês corretamente.



Lothar quando foi criado, e sua versão animada dos anos 80

Lion Man apareceu apenas na edição única de *All-negro Comics*, em 1947. **Waku**, príncipe de Bantu, foi criado pela Atlas Comics (nome da editora Marvel na época) nos anos 50 na revista “Jungle tales”. Teve pouquíssimas histórias. Assim como Lothar e Pantera Negra, os quatro primeiros super-heróis negros têm ligação com a África (três são príncipes africanos, e Lion Man é um americano infiltrado em uma tribo africana)



Lion Man e Waku

Vykin foi o primeiro super-herói negro da editora Dc Comics, criado em 1971.



Vykin e Capitã Marvel

Ororo Munroe, a **Tempestade**, foi a primeira super-heroína negra a aparecer em uma revista em quadrinhos, em 1975. É considerada o super-herói negro mais famoso da atualidade, além de ser o primeiro negro a liderar uma equipe de super-heróis (os X-men). Chegou a se casar com o Pantera Negra. Já Monica Rambeau é a **Capitã Marvel**, primeira super-heroína negra de uma grande editora a possuir um título próprio, em 1989. Seus cabelos cacheados também a diferenciava de outras personagens negras.



Tempestade mostra seus poderes

E por fim, em 1993 a Dc Comics lança um selo para publicar apenas super-heróis negros, a **Milestone**. O personagem mais famoso acabou sendo o **Super Choque**, que acabou ganhando uma animação em 2000.



Super-heróis da editora Milestone

Uma coincidência interessante nestes personagens é que muitos possuem poderes elétricos, como por exemplo Tempestade (Storm) pela Marvel e Raio Negro, Tempestade (Tempest), Jakeem Trovoada, XS e Super Choque pela Dc Comics, fora a versão cinematográfica do vilão Electro, da Marvel.

Outra característica comum em muitos é sua ligação direta com a África, seja em sua origem, seja em seus poderes (Waku, Larval, Tempestade e Pantera Negra pela Marvel; e Vixen, pela Dc Comics, e Lothar de Lee Falk). Podemos ver também que muitos destes personagens são ligados à tecnologia ou possuem inteligência acima do normal (Hardware, Aço, Senhor Incrível, Vykin e Cyborg pela Dc Comics; Prodígio e Pantera Negra pela Marvel). Alguns possuem a característica de serem atletas antes de ganharem seus poderes (Cyborg, Raio Negro e Senhor Incrível pela Dc Comics; e Triatlo pela Marvel).

Uma característica final comum que demonstra a falta de tato de alguns roteiristas é o fato do personagem ter ligação com o crime antes de se transformar em super-herói (Falcão e Luke Cage pela editora Marvel, e Wally West pela Dc Comics). Essa caracterização acaba se encaixando em um clichê racial que as editoras deveriam evitar, mas que continuam cometendo (o personagem Wally West foi reescrito em 2014 como um delinquente negro).

A maioria desses super-heróis foi criada entre a metade dos anos 60 e final dos anos 70, mas não porque as editoras, de repente, viram que seria legal criar um personagem negro, e sim como resposta aos conflitos raciais que estavam acontecendo na época (LEAL, 2015); assim como desde 2001 foram criados diversos personagens muçulmanos nas editoras americanas (que quase não existiam antes). Mesmo hoje existindo bastante destes personagens, a maioria deles possui apenas papel de coadjuvante, poucos têm uma revista própria. Segue uma lista com os super-heróis negros mais interessantes dos últimos 50 anos:

Aço: Personagem das histórias do Superman, John Henry Irons é um físico que após ser salvo pelo homem de aço, resolve construir uma armadura para combater o crime. É baseado no personagem do folclore americano “John Henry”, trabalhador negro que teria ganhado uma disputa contra uma máquina a vapor ao martelar mais rapidamente brocas de aço em um túnel ferroviário, falecendo em seguida, devido ao grande esforço.



John Henry do folclore americano e o super-herói Aço

Anarquista: Super-herói do grupo X-táticos, não tem esse nome à toa. É militante das causas negras ao extremo, constantemente acusa os outros do grupo de serem preconceituosos. Descobriu seus poderes de forma curiosa: filho de pais brancos, ao tentar entender o motivo de ter a pele mais escura, resolveu lavar suas mãos compulsoriamente para tentar “limpá-la”. Acabou descobrindo que seu suor é ácido, e este seria seu poder mutante. Foi chamado por um colega negro de “Capitão Coco” (preto por fora, branco por dentro) e também já chamou o Capitão América de “branquelo azedo”.



Anarquista e Batwing

Batwing: Esse personagem é importante não só por ser o primeiro super-herói negro das histórias do Batman, mas por ser um dos poucos cujas histórias se passam na África (Pantera Negra da editora Marvel e “O Fantasma”, personagem branco de Lee Falk, são outros).

Blade, o caçador de vampiros: Lançado em 1973 nas revistas em quadrinhos de Terror da editora Marvel, esse herói é um dos poucos exemplos em que sua versão cinematográfica é mais famosa do que o personagem em quadrinhos que o originou. Teve três filmes estrelados por Wesley Snipes.



Blade e Blankman

Blankman: Darryl Walker inventa acidentalmente um produto que torna sua roupa indestrutível. Após o assassinato de sua avó, resolve se tornar o super-herói Blankman, na comédia de mesmo nome produzida em 1993.

Brown Bomber: Obeso caucasiano que, ao gritar as palavras “Black Power!”, se transforma durante 1 hora em um super-herói negro conhecido como “Brown Bomber”. É uma paródia do personagem nunca lançado “The Black Bomber”, e teve apenas uma breve aparição. A história sofreu censura ao ser publicada, sendo cortada a fala no terceiro quadrinho abaixo, onde o personagem perguntaria se poderia utilizar a palavra “crioulo” (N-word) agora que era negro (HARRIS, 2010).



Capitão América negro: Isaiah Bradley e outros cerca de 300 soldados negros americanos foram recrutados durante a segunda guerra mundial para tentar criar o experimento que futuramente originaria o Capitão América. Acaba sendo um dos poucos soldados a sobreviver ao processo, se tornando por um curto período de tempo o “Capitão América negro”. Nos dias atuais, seu neto se tornou uma versão jovem do Capitão América, o super-herói conhecido como “Patriota”.



Capitão América negro e E.X.O.

E.X.O.: Personagem da YouNeek Studios, empresa criada pelo nigeriano Roye Okupe especializada em super-heróis africanos.

Falcão: Atualmente é o novo Capitão América, já que Steve Rogers perdeu seus poderes. Essa tática de substituir temporariamente o personagem principal branco por seu ajudante negro já foi utilizada anteriormente na revista do Homem de ferro. Criado em 1969, o personagem ganhou tanto destaque quando surgiu como parceiro do Capitão América, que dois anos depois a revista alterou seu nome na capa para “Capitão América e o Falcão”, e ficou assim até 1978.



Falcão, o novo Capitão América e Falcão Noturno

Falcão Noturno: Inicialmente era um personagem branco, mas décadas depois foi reformulado tanto fisicamente (virando negro) quanto psicologicamente. Essa nova versão do personagem é um milionário que, quando combate o crime, prefere salvar pessoas negras, já que seus pais foram mortos por brancos racistas.

Homem-Aranha (Miles Morales): No universo Ultimate, Peter Parker morreu e foi substituído pelo adolescente negro e hispânico Miles Morales. Nas revistas atuais, Miles se encontra no universo “normal” da Marvel, junto com Peter Parker.



Homem-Aranha

Ícone: Personagem principal da editora Milestone, é um extraterrestre que cai na Terra na época da escravidão e que, por ter sido resgatado por escravos, acaba assumindo a imagem de um homem negro. Futuramente, resolve virar super-herói.



Ícone e Larval

Larval (Maggot): Mutante sul-africano cuja mutação consiste em possuir duas larvas gigantes que funcionam como seu aparelho digestivo. Seu poder é uma alusão à fome existente na África.

M.A.N.T.I.S: Criado por Sam Raimi, esse seriado foi produzido em 1994, pela rede de televisão Fox. Conta a história de um rico cientista que, ao ficar paraplégico, cria uma armadura para conseguir voltar a andar e, incomodado com a injustiça, decide combater o crime.



M.A.N.T.I.S. e Mancha Solar

Mancha Solar (Sunspot): Personagem brasileiro mais famoso das editoras americanas, possui a cor de pele parda. Chegou a aparecer em animações e no filme *X-men: dias de um futuro esquecido*.

Manto: Rapaz negro e pobre que faz dupla com a super-heroína branca e rica Adaga, ambos ganharam poderes após traficantes injetaram drogas experimentais em seus corpos.

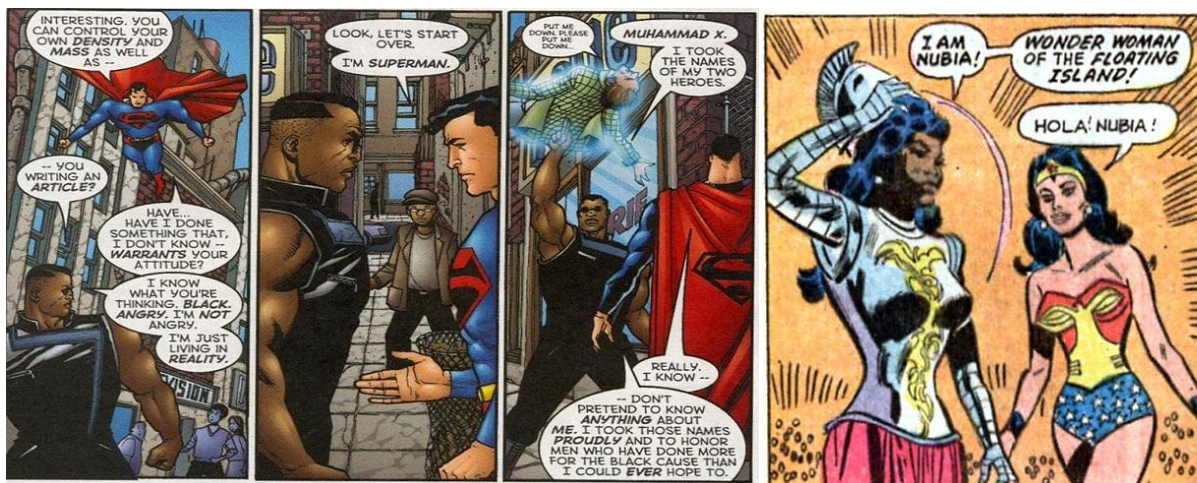


Manto e Martha Washington

Martha Washington: Soldado negra, vive em um EUA futurístico completamente caótico onde grandes corporações empreendem guerras contra o país. Suas histórias mostram sua juventude até sua morte, aos 100 anos, em 2095.

Muhammad X: Super-herói protetor do Harlem, escolheu o nome em homenagem a Muhammad Ali e Malcom X. Aparece em uma história do *Superman*, onde o questiona por não existir heróis negros na *Liga da Justiça* e ainda o acusa de

defender somente os interesses das elites. Isso faz Superman fazer uma reflexão sobre os seus conhecimentos a respeito das relações raciais.



Muhammad X e Núbia

Nubia: Amazona africana, era irmã da Mulher-Maravilha. Enquanto esta foi feita de barro branco, Nubia foi feita de barro negro e, depois, a deusa Afrodite lhe deu vida. Personagem criada em 1973, por muitos anos não apareceu mais, sendo reformulada em 1999, deixando de ser irmã da super-heroína.

Poderosos vingadores: Grupo de super-heróis da editora Marvel, interessante que o único personagem não negro é a esverdeada (mas branca de nascença) Mulher-hulk.



Poderosos Vingadores e Shadowhawk

Shadowhawk: Advogado de caráter duvidoso que, após ser contaminado acidentalmente com o vírus HIV, resolve viver seus últimos dias combatendo o crime

utilizando uma armadura e armas especiais. Primeiro super-herói a possuir Aids, acabou morrendo em decorrência dessa doença. Um ano antes de sua criação, outro personagem negro (da editora Marvel, Jim Wilson, que não era super-herói) foi o primeiro de uma grande editora de quadrinhos a assumir ser soropositivo.

Spawn: Personagem principal da editora Image Comics, seu próprio criador considera a negritude do personagem irrelevante, pois sua pele é toda queimada e desfigurada, o que o obriga a utilizar uma roupa cobrindo todo seu corpo.



Spawn e Subir, subir e voar

Subir, subir e voar (Up, up and away, 2000). Caso raro em que os super-heróis foram criados diretamente para uma produção audiovisual, esse filme da Disney produzido para a televisão conta a história de Scott Marshall, garoto de 14 anos filho de uma família de super-heróis que finge ter super poderes para não decepcionar seus pais, justiceiros cuja fraqueza são papéis de alumínio.

Superman negro: Calvin Ellis é um kriptoniano oriundo da ilha Vathlo, habitada exclusivamente por negros (assim como Marzal³). A diferença é que Marzal se passa no planeta Terra, no futuro, e Vathlo se passa em outro planeta, em Krypton, no passado, mas ambas foram criadas para explicar a ausência de negros nas histórias. Vathlo surgiu primeiro, em 1971, mas sempre foi apenas citada (e poucas vezes), sem um aprofundamento em sua história, até que em 2009 o roteirista Grant Morrison criou o personagem, inspirado em Barack Obama. Tanto que o personagem, assim como Superman, é enviado para o planeta Terra ainda criança, antes do seu planeta explodir, mas a diferença é que aqui ele se torna o presidente dos Estados Unidos.

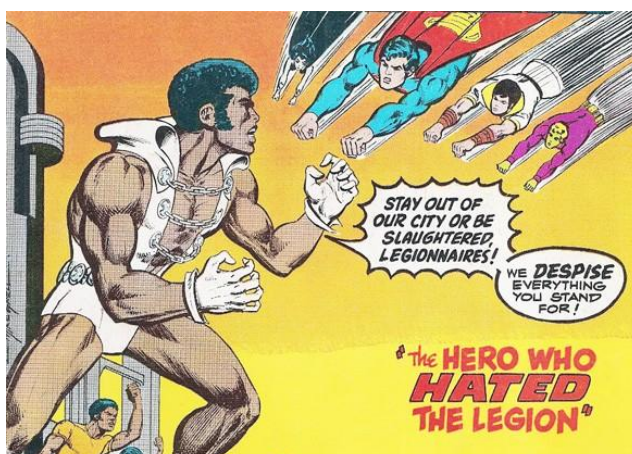
³ Ver "Tyroc"



Superman e Triatlo

Triatlo: Ex-triatleta olímpico que, por meio de experimentos científicos, ganha força e agilidade equivalentes a de três homens. Acaba entrando no grupo Vingadores, cujos membros são obrigados a aceitá-lo graças a um sistema de cotas implantado pelo governo americano. Esse argumento já havia sido utilizado no final dos anos 70, também nos Vingadores (no caso, o cotista era o personagem Falcão).

Tyroc: Personagem surgido em 1976, foi criado justamente para resolver o problema da falta de personagens negros, mas acabou causando o efeito contrário. Pertence ao mundo da “Legião dos super-heróis”, heróis da DC Comics que vivem no século XXX e que até então nunca havia aparecido um personagem negro em sua época. Para explicar essa falha, criaram uma ilha (Marzal) onde no futuro vivem todos os negros, e cujo líder é um personagem com cabelo black-power e uma roupa extravagante inspirada na Disco Music. Seu poder é emitir sons que causam efeitos diversos. No futuro os negros vivem em uma ilha, isolados de todo o resto do mundo, liderados por um super-herói black-disco que possui o poder de gritar? Mais segregacionista, impossível.



Tyroc

4.3.2 Representatividade nos dias atuais

Em relação à representatividade atual de personagens negros, é perceptível um aumento na quantidade destes nas produções. Talvez tenhamos a impressão de que ainda é muito pouco porque nos Estados Unidos a quantidade de negros não é tão grande quanto é aqui no Brasil. Segundo o último censo americano realizado em 2010, a sua população possui 13,6% de negros/pardos, enquanto que em nosso país é de cerca 53%, segundo o IBGE (2013). As produções americanas parecem seguir mais ou menos esse percentual: todo grupo de super-heróis (que geralmente possui de 5 a 10 personagens) quase sempre possui pelo menos 1 personagem negro. Um exemplo gritante é o seriado “Power Rangers”, que já possui 23 temporadas, e em todas elas existe um herói negro e um herói asiático (entre os 5 heróis principais). Nos quadrinhos da editora Marvel, por exemplo, existem cerca de 118 personagens negros (segundo a lista do Wikipedia “List of black superheroes”) e o site da Marvel lista cerca de 1500 personagens em seu site. Mesmo esses números não sendo exatos (o Wikipedia não é uma lista oficial, e incluso nos personagens listados pelo site da Marvel estão também grupos de personagens, ou seja, o número real de personagens é um pouco menor que 1.500), baseado neles imagina-se que a proporção de personagens negros da editora deve ficar em algo próximo aos 13% da população americana. A sua concorrente, DC Comics, possui cerca de 156 personagens negros (também segundo a lista no Wikipedia). Não foi possível estimar a quantidade total de personagens da editora, já que em seu site eles apenas listam os principais.

Essa proporcionalidade gera também uma realidade estranha, todo grupo de superheróis possui apenas 1 negro em média. Todas as 23 versões dos Power Rangers, a Liga da Justiça (Cyborg nos quadrinhos, Lanterna Verde no desenho animado), Caverna do Dragão (Diana), Capitão Planeta (Kwame), Novos Vingadores (Luke Cage), Novos Titãs (Cyborg); até os X-men, grupo que supostamente representa as minorias, possui mais personagens azuis em sua formação clássica nos quadrinhos (Fera e Noturno) do que negros (Tempestade). Fica a impressão de que dois ou mais negros não podem ser heróis juntos (fora que a repetição desse esquema o torna banal e fora da realidade). E não se resume apenas a grupo de superheróis: a Turma do Bairro, Jem, Josie e as Gatinhas, Padrinhos Mágicos, Hey Arnold, Anjinhos, Sorriso Metálico, Moranguinho; todos tem a cota de apenas um

personagem negro. Achar uma produção audiovisual infantojuvenil que tenha dois ou mais negros como personagens principais (e que todos os personagens principais não sejam negros, como acontece nas *Black sitcoms*) é uma tarefa difícil.



Um personagem negro em cada grupo de personagens

Nas produções audiovisuais essa “cota racial” também é bastante nítida. Foram pesquisados personagens negros em produções de duas das principais empresas produtoras de programação infantojuvenil (Disney e Nickelodeon), dos últimos 20 anos. Desconsideraram-se produções com animais/seres não humanos e as que possuíam no máximo três personagens recorrentes. O método para pesquisa foi verificar a lista de programas dessas produtoras (No Wikipedia, em “Nickelodeon (canal de televisão)”, “Categoria:Programas_da_Nickelodeon”, “Lista de séries originais do Disney Channel” e em “Lista de séries do Disney XD”), e buscar no “Google imagens” material de divulgação da produção, a fim de verificar se o

personagem negro era recorrente na série. São produções tanto com atores como desenhos animados. Pela Disney, das 60 pesquisadas, 26 não possuíam personagens negros recorrentes e 34 possuíam, nos quais em apenas sete havia mais de um personagem dessa cor (*Visões de Raven*, *Cory na Casa Branca*, *A família radical*, *Programa de talentos*, *Doutora Brinquedos*, *Agente K.C* e *Jett Jackson*). Também foi notado que na maioria dessas produções o personagem negro é secundário. Na Nickelodeon o resultado foi quase o mesmo: 60 produções pesquisadas, onde em 27 não existem personagens recorrentes negros, e em 33 existem. Nestes, também sete possuem mais de um personagem afro-americano (*All that*, *Kenan e Kel*, *Bubble Guppies*, *Mamãe Instantânea*, *True Jackson*, *How to Rock* e *A família Hathaways*). Claro que em algumas produções, colocar um personagem negro seria inviável (“Mano a Mana”, que trata da família Stevens, cujos genitores são brancos), mesmo assim é notável que ainda existam muitas produções sem personagens negros, e nas que possuem, eles são em sua maioria secundários. Também foi reparado que nenhuma das 12 produções latino-americanas (em sua maioria, mexicanas) da Nickelodeon possuem personagens negros.

A necessidade de “cota racial” é explícita no desenho animado dos *Vingadores*. Na animação criada em 2010 (*Os Vingadores: Os Super-Heróis mais Poderosos da Terra*) existia apenas um super-herói negro (Pantera Negra). A versão de 2013 (“*Os vingadores unidos*”, criada após o sucesso do filme de 2012) possui todos os seis personagens brancos do longa-metragem com atores e mais um sétimo personagem ausente no filme, o Falcão (se um dos seis fosse negro, provavelmente este personagem não entraria na animação). Tanto nas animações quanto nos quadrinhos, os principais heróis negros desse grupo (Pantera Negra, Falcão e Luke Cage) nunca aparecem juntos (fazem parte do grupo apenas quando outros dois não fazem). Um avanço nesta questão é a criação nos quadrinhos de um grupo de apenas super-heróis negros (*Os poderosos vingadores*) e de grupos com mais de um personagem, como o *Vingadores* (*Capitão América* e *Homem-aranha*⁴), *Supremos* (*Pantera Negra*, *Marvel Azul* e *Espectro*) e o *Avengers Idea Mechanics* (*Mancha Solar*, *Poderoso* e *Tigresa branca*).

Como a maior parte das produções infantojuvenis comercializadas são americanas, conclui-se que em relação à representatividade de personagens negros, elas estão sendo fiéis à proporcionalidade da sua população, mas

⁴ Suas versões com personagens negros

representam isso de uma forma superficial. Claro, existem exceções em que uma produção americana não é fiel também à proporcionalidade, como no desenho animado **Simpsons**:



Os personagens em sua grande maioria são amarelos, e alguns pouquíssimos são negros ou pardos

Além de pouca representatividade, o desenho também mudou a cor do personagem **Smithers**, que em seu primeiro episódio aparece negro, mas na sua segunda aparição em diante aparece amarelo:



O motivo é um mistério. Produtores já falaram que mudaram sua cor porque um mesmo personagem ser gay e negro era algo excessivo. Outros falaram que pegaria mal o fato do personagem ser negro e também um empregado submisso. Por fim, o criador da série, Matt Groening, garante que o personagem sempre foi amarelo, mas que os coloristas se enganaram e o pintaram de marrom, e como eles

tinham pouco dinheiro, não podiam refazer as cenas. Talvez as três afirmações sejam verdadeiras, na pré-produção o personagem era negro, decidiram que ele iria ser amarelo, mas por descuido ele saiu negro na primeira aparição.

Um fato interessante é que, nos últimos 15 anos, foram criadas versões negras de alguns personagens brancos da editora Marvel (*Capitão América*, *Goliás*, *Motoqueiro Fantasma*, *Tufão*, *Falcão Noturno* e *Homem-aranha* nos quadrinhos, e *Rei do Crime*, *Electro*, *Heimdall* e *Tocha Humana* nos filmes) ou até foram praticamente substituídos por um personagem negro, como foi o exemplo do personagem “Nick Fury” (sua “versão branca” ainda existe nos quadrinhos, mas quase não aparece, ao contrário da sua versão negra, que o substituiu no grupo S.H.I.E.L.D.). Na Dc Comics, foram encontrados poucos personagens que sofreram alteração de raça (*Wally West*, *Lanterna Verde* e *Aqualad*). E pela editora Top Cow, a personagem “Fox”, negra nos quadrinhos, foi interpretada por Angelina Jolie no cinema.

No caso dos quadrinhos, não é que os personagens mudam de cor, mas sim que um personagem negro acaba substituindo o personagem branco na identidade daquele determinado herói. Como lembra LEAL (2015), o reaproveitamento do nome de personagens pré-existentes é por uma questão simples: “o reconhecimento diminui a resistência que esses personagens encontrariam se fossem lançados sem algo para ancorá-los”. Na adaptação para o cinema, ao contrário, os personagens mudam de cor mesmo, mantendo sua história e nome civil como é conhecida nos quadrinhos – com algumas adaptações.



O personagem Nick Fury em suas versões branca e negra

Outros exemplos de personagens negros em produções dos últimos 25 anos:
Agente K.C (K.C. Undercover): Mostra o cotidiano de uma família de espões.



As aventuras de Azur e Asmar: Do mesmo criador de Kiriku, essa animação europeia de 2006 conta as aventuras de Azur (loiro de olhos azuis) e Asmar (pardo de olhos pretos), meninos criados pela mesma mulher, a ama-de-leite de Azur e mãe de Asmar, Jenane. Crescem como irmãos, mas acabam separados na infância. Quando adultos, se reencontram como rivais em busca de uma fada lendária.



Como irmãos (Le Monde de Pahé, França, 2009). Pahé é africano e Sebastian é europeu, juntos se consideram irmãos e vivem grandes aventuras. 74 episódios foram produzidos.



Como irmãos e Doutora Brinquedos

Doutora Brinquedos (Doc McStuffins): Criado e produzido pelo ganhador do Humanistas Prize Chris Nee, essa animação do Disney Channel conta a história de uma menina de seis anos que dirige uma clínica para seus brinquedos no quintal de sua casa. Seu sonho é ser médica, assim como sua mãe.

A família Hathaways: Conta a história de uma mãe solteira e suas duas filhas que se mudam para uma casa ocupada por três fantasmas: um pai e seus dois filhos. O seriado pode ser considerado, por um lado, de mau gosto, pois trata de uma família de brancos que é “assombrada” por uma família de negros. Por outro lado, além de mostrar uma família de brancos convivendo com outra de negros (algo raro nestas produções), também mostra a diferença de gêneros entre uma família composta apenas por mulheres, e outra apenas por homens.



Família Radical (The proud family): Primeira animação da Disney onde todos os personagens principais são negros, mostra a vida de uma família classe média.

Famiy Matters: Uma das primeiras sitcoms com uma família negra a fazer sucesso entre o público infantojuvenil (em 1989), originalmente era voltada para um público mais adulto, mas um personagem secundário adolescente fez tanto sucesso (Steve Urkel), que acabou virando personagem principal. É também a segunda Black sitcom mais longa já produzida nos EUA (contando também com as adultas).



Família Radical e Family Matters

Guilhermina e Candelário: A TV Brasil passou a exibir em outubro de 2015 essa animação colombiana composta de 20 episódios que retratam o cotidiano de uma família negra. É considerado o primeiro do gênero com a maioria dos personagens negros a ser exibido em televisão aberta no Brasil (EBC, 2015).



Jett Jackson: Jett Jackson é um jovem ator que resolve voltar a sua cidade natal para tentar voltar a ter uma vida normal. Primeiro seriado da Disney a ter um negro no papel principal, em 1998.



Jett Jackson e Kenan e Kel

Kenan e Kel: Sitcom sobre o garoto esperto Kenan e seu amigo inseparável, atrapalhado e fã de refrigerante de laranja Kel. O sucesso do seriado levou os atores

a estrearam o filme *Good Burger*, em 1997.

Kiriku (Kirikou): Personagem criado pelo francês Michel Ocelot, adapta um conto africano sobre um menino muito pequenininho (e muito veloz), morador de uma aldeia na África Ocidental que, apesar de seu tamanho, sempre está contestando as ações dos adultos e, por meio de sua sabedoria, auxilia a sua tribo a enfrentar diferentes desafios. Lançado na animação “Kiriku e a feiticeira” de 1998, o sucesso do filme incentivou a produção de outras animações francesas, como “As bicicletas de Belleville” e “Persépolis”. Teve duas continuações: “Kirikou e os animais selvagens” e “Kiriku: os homens e as mulheres”, e em todas é comum a utilização de elementos do folclore africano, além de detalhar bem a cultura daquele povo. Deu origem a diversos produtos, de livros a jogo de videogame.



Kiriku e Um maluco no pedaço

Um maluco no pedaço: Antes de 1990 já existiam *Black sitcoms* com crianças ou adolescentes sendo personagens principais (*Arnold* em 1978 e *What's Happening!!* em 1979), mas esta foi uma das primeiras produções voltadas para o público infantojuvenil a mostrar uma família de negros, e seu sucesso influenciou a grande quantidade de produções similares que surgiu na época (*Family Matters*, *Irmã ao quadrado*, *Kenan e Kel*, *Eu, a patroa e as crianças...*)

Manual de Sobrevivência Escolar do Ned: Cookie é o melhor amigo de Ned, nesse seriado de sucesso da Nickelodeon.

Milly e Molly: Milly é parda de cabelo cacheado, contrastando com sua melhor amiga Molly, branca de cabelo liso. Juntas, essas meninas de 7 anos se envolvem em diversas aventuras. Produção do Discovery Kids, é uma adaptação de uma série de livros escritos pela neozelandesa Gill Pittar, os quais foram baseados em duas bonecas criadas pela mesma autora para promover a tolerância.



Manual de sobrevivência escolar do Ned e Milly e Molly

A princesa sapo: Tiana é a personagem principal da animação *A princesa e o sapo* e primeira princesa negra nas animações da Disney. Foi originalmente batizada de Maddy e trabalhava como arrumadeira. No entanto, houve uma grande crítica pelo nome de seu personagem (considerado “nome de escrava”), por isso acabou sendo alterado para Tiana e seu trabalho, para uma garçonete. Muitos consideraram um atraso enorme da Disney lançar sua primeira princesa negra 70 anos depois da primeira, *Branca de Neve*, mas é exagero se considerarmos que esse tipo de personagem não é criado tão regularmente (Tiana foi a 9ª princesa a ser criada) e que metade delas até então são de raças não brancas (a árabe *Jasmine*, a índia *Pocahontas* e a asiática *Mulan*). Outra crítica foi pelo fato da personagem passar a maior parte do filme transformada em sapo.



As princesas Sapo e Ervilha

Super Why: Uma das personagens desse desenho animado americano-canadense é a princesa Ervilha, menina de descendência inter-racial, filha dos protagonistas do conto de Hans Christian Andersen.

Todo mundo odeia o Chris: Versão negra de “Anos incríveis”, é um seriado de humor que é inspirado na adolescência do comediante Chris Rock. O personagem principal é o único negro em sua sala de aula.

True Jackson: Conta a história de uma garota de 15 anos que se torna vice-presidente de uma famosa empresa de roupas.



Todo mundo odeia o Chris e True Jackson

As visões de Raven: Raven é uma adolescente que tem a estranha capacidade de prever o que vai acontecer em um futuro próximo. Um dos seriados de maior sucesso da Disney, teve quatro temporadas. Teve um derivado com o irmão da Raven, “Cory na casa branca”.

Zica e os camaleões: Série de animação brasileira, Zica é uma adolescente que se sente preto e branco em um mundo colorido. Costuma conversar com seus três camaleões de estimação. Nádia é sua melhor amiga.



As visões de Raven e Nádia em Zica e os camaleões

4.3.3 Representatividade no Japão

A quantidade de negros vivendo no Japão é muito pequena, além de ser um país onde existe muito preconceito, mas não por causa da cor da pele, e sim discriminação pelo fato de ser estrangeiro. Mesmo descendentes de japoneses nativos de outros países sofrem esse tipo de exclusão social. Por tudo isto, é raro ver um personagem de pele escura nos animes ou em mangás, mas com a globalização, muito desses personagens acabaram sendo criados nos últimos 20 anos. Um dos primeiros foi **Uubu**, do mangá/anime Dragon Ball, uma das produções mais conhecidas no Ocidente. Dos seus cerca de 850 personagens (DRAGON BALL WIKI), seis são negros (entre eles, o já citado Mr. Popo).



Uubu e Balrog

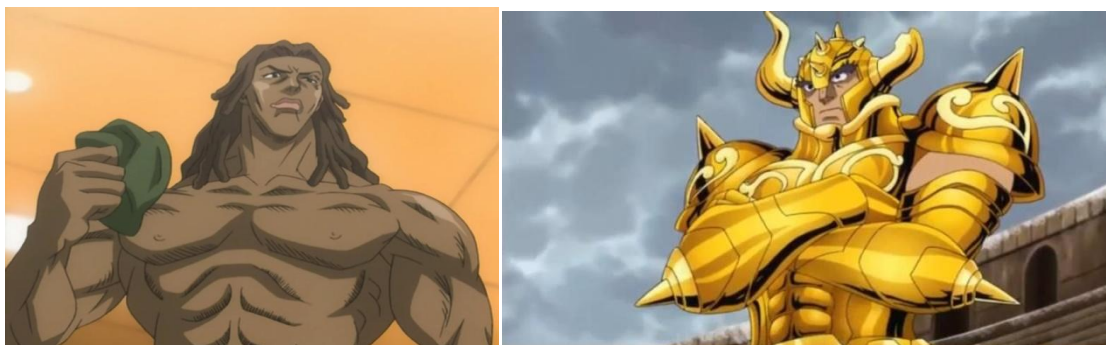
Outro antigo personagem surgiu inicialmente nos videogames, mas depois teve adaptações em outras mídias. Seu nome original era “Mike Bison”, foi banido do boxe por ferir ilegalmente seus oponentes e acabou se unindo à organização criminosa Shadaloo. Logo que o jogo foi distribuído nos Estados Unidos, seu nome foi alterado para **Balrog**, com receio que Mike Tyson pudesse processá-los pela paródia.

Afro Samurai é um personagem criado por Takashi Okazaki em 2007, e busca vingança pela morte de seu pai, quando criança. **Pedro** é um personagem de Excel Saga que morreu, e desde então é perseguido por um portal com braços de mulher que quer a todo custo uma noite de amor com ele (sim, o anime é nonsense).



Afro Samurai e Pedro

Bob Makihara é um mestre de capoeira nascido na África do Sul do anime Tenjou Tenge. Já **Aldebaran de Touro** é um personagem brasileiro de Cavaleiros do Zodíaco.



Bob Makihara e Aldebaran de Touro

Rodrigo é outro brasileiro em anime, no caso jogador de futebol de Hungry Heart Wild Striker. **Anthy Himemiya** vive um romance lésbico com a personagem principal de Utena: a garota revolucionária.



Rodrigo, Anthy e Utena

Yasutora Sado, assim como quase todos personagens negros em animes, possui descendência estrangeira (mexicana), e é personagem de *Bleach*. Outro de seus personagens é o ex-capitão cego **Kaname Tosen**. O anime ainda possui outros três personagens negros (dentre vários).



Sado e Kaname do anime Bleach

4.3.4 Representatividade no Brasil

No Brasil, existem poucos personagens negros nos quadrinhos. O mais antigo é o escravo Benedito, de *As aventuras de Nhô Quim*, em 1869 (CHINEN, apud GUTEMBERG, 2012).



Mas era apenas um personagem coadjuvante, com poucas aparições. O primeiro personagem a ter destaque foi o Giby, publicado em 1907 na revista “O Tico-tico”, ele era criado da família do personagem Juquinha. Personagem negro mais antigo encontrado nesta pesquisa (se desconsiderarmos o personagem terciário Benedito), possuía todos os estereótipos da época:



Curiosamente um dos sinônimos para “revista em quadrinhos” no país é “gibi”, que significa “menino negro”. Seu nome se popularizou com a revista de mesmo nome publicada em 1939 (que não tinha nada haver com o personagem Giby), cuja mascote era um menino negro que só aparecia na capa:



Voltando à revista *O Tico-tico*, nela surgiu o primeiro personagem negro brasileiro a fazer sucesso, que foi o Benjamin, em 1915, pertencente às histórias de *As aventuras de Chiquinho*. Inspirado no criado que trabalhava na casa do autor das histórias, Luis Loureiro, Benjamin sempre estava fazendo travessuras e tentando convencer Chiquinho a participar delas.



É interessante notar que esse personagem foi criado 26 anos após a Abolição da Escravatura no Brasil. Nos Estados Unidos, país que aboliu a escravidão em 1863, só foi aparecer um personagem negro de destaque em 1934 (Lothar), 71 anos depois.

Antes do amigo do Mandrake ser criado nos Estados Unidos, o Brasil ainda publicou Lamparina em 1928 (J. Carlos) e Luis Sá criou o personagem Azeitona em 1931, junto com seus amigos Reco Reco e Bolão, ambos também na revista O Tico-tico. Em 1950, Luis Sá criou Maria Fumaça, na revista Cirandinha (versão feminina de O Tico-tico).



Lamparina à esquerda, Azeitona no meio e Maria Fumaça, à direita

Criação de Ziraldo, Pererê foi o primeiro personagem negro brasileiro a ganhar uma revista própria, nos anos 60. É considerado por CHINEN (2013, p.104) um paradoxo, já que ao mesmo tempo é provavelmente o personagem brasileiro negro de maior sucesso (um dos poucos a ter revista própria, cerca de 30 revistas publicadas até hoje), mas não é exatamente um humano, e sim um ser mitológico

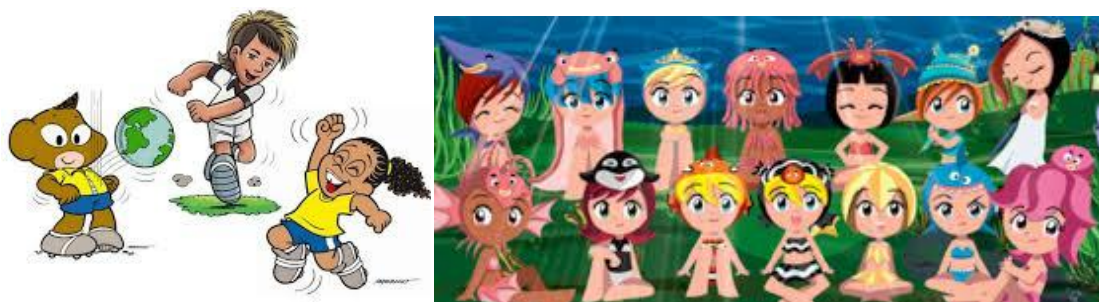
(alguém que não existe, que não serve de modelo para crianças negras). Na mesma época, surgiu no gibi do *Zé Carioca* o Pedrão, amigo do papagaio e apreciador de uma boa feijoada. Pode ser considerado o primeiro personagem negro da Disney, se forem desconsiderados os personagens animais que possuem características afro-americanas, e também Sunflower e Tio *Remus*, que foram censurados pela própria Disney. Mas lá fora, ele não é conhecido, tanto que não aparece na lista de personagens do site Disney Wiki.



Pererê e Pedrão

Uma das poucas produções infantojuvenis brasileiras com grande relevância e com personagens humanos é a “turma da Mônica”, criada nos anos 60. E dos cerca de 35 personagens que moram no bairro do Limoeiro, apenas um é negro (Jeremias). Existem outros 3 personagens principais negros de Maurício de Sousa, mas todos eles foram criados baseados em jogadores de futebol negros/pardos (Pelezinho, Ronaldinho Gaúcho e Neymar Jr.) e possuem “turmas” próprias (não aparecem nas revistas da turma da Mônica). Assim como a turma do Chico Bento, onde tirando o Saci-Pererê, não existe ninguém de pele negra. E na turma da Tina, não existe ninguém. Ou seja, tirando os personagens jogadores de futebol, e tirando o Saci (todos inspirados em alguém ou em um mito que já existia, e não poderiam ser representados com outra cor), o único personagem negro que saiu da mente de Maurício de Sousa foi o Jeremias. Mas seguindo a mesma linha de raciocínio, não podemos ser injustos e desconsiderar que todos os principais personagens

humanos da turma da Mônica também foram baseados em pessoas reais brancas.



Personagens inspirados em jogadores de futebol e personagens de *Princesas do mar*

Outra produção brasileira, **Princesas do mar**, também possui uma representatividade pífia: três dos cerca de 27 personagens são negros. Algumas produções possuem uma percentagem maior de personagens negros (*O menino maluquinho*, *Sítio do pica-pau amarelo*), mesmo assim longe dos 53% da população.

Fulú é africana e foi criada por um argentino (Carlos Trillo, em 1989), mas suas histórias se passam no Brasil, onde Fulú é uma escrava que provoca desejo nos homens graças a sua sensualidade.



Fulú, Luana e João

Luana e sua turma, revista em quadrinhos publicada entre 2000 e 2008, mostra a “primeira heroína afro-brasileira das HQs”. Teve 18 edições, sendo que as seis primeiras foram vendidas em banca (com produção independente) e as outras 12 foram distribuídas em escolas e secretarias de cultura.

João é amigo de Júlio, personagem principal do seriado *Cocoricó*.

Por fim, podemos citar outros personagens brasileiros negros: Jambolão (Orlando Pizzi); Praça Atrapalhado (Eduardo Pereira); Aú, o capoeirista (Flávio Luiz); Miudins (Sidney Falcão); Winnie e Martin (Fala, menino!); Súria, a menina do circo e

Tantra (Laerte); Little Black Skrots (Angeli); Saci e Tia Nastácia (Monteiro Lobato); Mussum (versão em quadrinhos do comediante) , Lúcio (Menino Maluquinho), Biba (Castelo Rá-Tim-Bum) e Nega maluca (Newton Foot).

4.4 Racismo

Preconceito é um tema difícil de lidar, ainda mais com o público infantojuvenil. Afinal, como explicar a uma criança o que é racismo? São poucas produções que tiveram a coragem de falar sobre o tema, sendo em sua maioria voltadas para um público mais crescido (na faixa dos 11-14 anos). O problema se deve, provavelmente, ao receio de acabar incentivando o racismo, ao invés de educar.

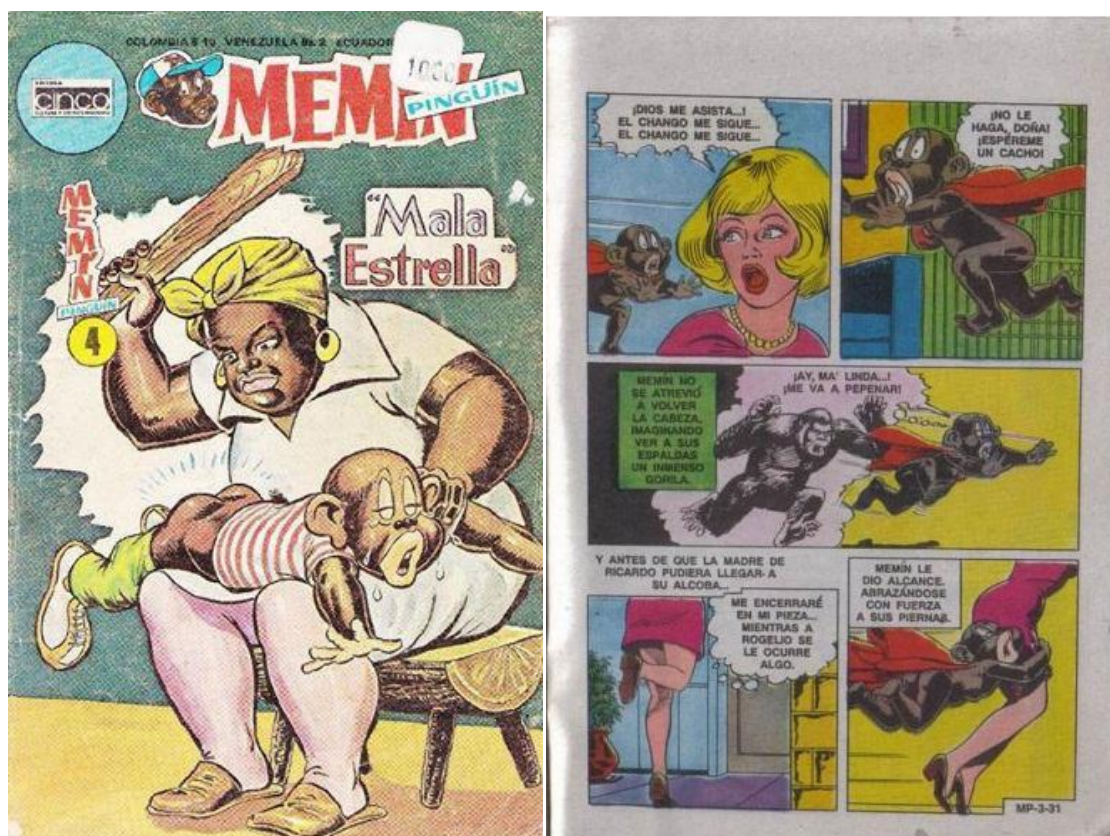
Em 1943, foi criado no México o personagem “Memín Pinguín” pela autora Yolanda Vargas Dulché, inspirada em crianças cubanas. Apesar de ser um gibi de comédia, em várias histórias foram abordadas questões sociais, tais como alcoolismo, pobreza, abandono familiar e também racismo. Este foi retratado de forma controversa nas histórias, ora de forma positiva, ora de extremo mau gosto; por isto tem gente que considera o personagem importante para as causas raciais, outros o considera um equívoco total. Sua própria caracterização física é equivocada, uma caricatura pickaninny, tanto que seus amigos são desenhados brancos, com cabelos e lábios pequenos, e tendo quase o dobro do seu tamanho:



A falta de tato era tão grande nas histórias, que um belo dia Memín encontrou o cadáver decapitado de uma criança dentro de uma mala:



Nas primeiras edições, o personagem sofria alguns insultos racistas, mas era mostrado que personagens cruéis e ignorantes eram responsáveis pelas ofensas. Memín já chegou a ser adotado por uma gorila na África, sonhou que era um canibal, foi impedido de tomar Milk shake no Texas por ser negro e tomou banho de leite para ficar com a pele mais clara, mas a história que mais polemizou na época foi uma em que um garoto cruel afirma a Memín que ele não vai para o céu, já que não existem anjos negros. O garoto então conclui que, já que irá pro inferno de qualquer forma, ele pode fazer a travessura que quiser. A história fez com que alguns padres católicos pedissem aos fiéis que boicotassem a revista, no que foi atendido. Com as vendas diminuindo, os editores resolveram publicar uma história que, com a ajuda dos amigos e de um padre, Memín pinta um dos anjos de preto, e sonha em se tornar um anjo, um dia. Sucesso no México, foi publicado no Brasil em 1982 como “Gui Pinguim”, mas durou pouco tempo, pois foi publicada aqui uma história em que o personagem, pelado, é confundido com um chimpanzé pela mãe de um amigo. Criou polêmica nos jornais brasileiros da época, e a revista foi cancelada. Em 2005, a criação de um selo mexicano com o personagem recebeu críticas até do presidente americano na época, George W. Bush, que considerou o personagem extremamente caricato e ofensivo. Os mexicanos responderam que a polêmica foi causada devido ao desconhecimento das peculiaridades do povo mexicano, sendo então um desrespeito à cultura deles. Por outro lado, nas Filipinas o Ministério da Educação obrigou a sua leitura nas escolas (por considerar que suas histórias enaltecem os valores humanos). No México, o personagem é considerado um dos maiores sucessos do quadrinho nacional, tendo sua revista reeditada várias vezes, sendo que a última reedição terminou em 2011.



Capa de uma revista e a história onde Memín é confundido com um chimpanzé

Uma das primeiras produções americanas infantojuvenis que trataram do racismo foi a revista em quadrinhos *Shock SuspenStories* nº 11 de 1953, na qual foi publicada a história “In Gratitude”, onde um veterano de guerra questiona seus conterrâneos por recusaram a enterrar um amigo morto em combate, por ele ser negro (BASÍLIO, 2005). Outra publicação da editora *EC Comics* da época também tratou do tema, foi a *Weird Fantasy* nº 18, também de 1953, que trazia a história “Judgement Day”, na qual um astronauta terráqueo vai ao planeta Cybrinia com o intuito de verificar se ele é socialmente avançado o bastante para poder entrar na Federação Galáctica da Terra. Chegando lá, encontra um mundo habitado por robôs laranjas (que dominam todas as formas de riquezas) e os azuis (responsáveis pelos serviços braçais). No fim, o astronauta afirma ao líder do planeta que eles não estão aptos a fazerem parte da Federação, pois a humanidade também passou pelo mesmo problema, e que assim que eles aprenderam a viver coletivamente, o progresso terá chegado, e assim conseguirão conquistar o Universo. A surpresa fica para o último quadrinho, quando o astronauta retira seu capacete (que utilizou durante toda a história), e descobrimos que ele é negro. Com a criação do Código dos Quadrinhos (Comics Code Authority) em 1954, a editora *EC Comics* cancelou

quase todos seus títulos nos dois anos seguintes, passando a publicar apenas a revista de humor *Mad*. A última publicação foi justamente em uma revista de 1956 com a republicação dessa história, que fez um juiz no EUA (Charles F. Murphy, diretor da Associação Americana de Revistas em Quadrinhos) entrar na Justiça contra a revista, por considerá-la “um ataque racial aos brancos” (LEAL, 2015).



Com a popularização de super-heróis negros nas décadas de 70/80, o racismo passou a ser um tema que as vezes era abordado nas histórias, como nesta da revista “Capitã Marvel” do final dos anos 80:



Racismo era um dos temas principais nos quadrinhos do Capitão Marvel, mas no caso o super-herói alienígena tinha que enfrentar vilões racistas que não aceitavam o fato dele ser branco (na verdade, o chamavam de “rosa”), já que originalmente os alienígenas da raça deles (os krees) eram azuis e, com o tempo, ao conquistaram outros planetas, aconteceram relacionamentos inter-raciais que fizeram nascer krees de diversas cores, dentre elas o “rosa”. Um destes krees rosados é o super-herói Capitão Marvel, que é escolhido para ser enviado ao planeta Terra justamente por ter a pele muito parecida com a dos seres humanos.



Capitão Marvel: Racismo sendo discutido de uma forma diferente

Às vezes, faltava tato para escrever sobre racismo nas HQ's. Em 1970 foi publicada uma história em que Lois Lane, namorada do Superman, se transformava

em negra (MADISON III, 2015). O título é “I am curious (Black)!” (imitando o título do filme “I am curious (yellow)!”) e o roteiro mistura algumas cenas boas com outras constrangedoras. Nele, vemos a repórter Lois Lane tentando fazer uma reportagem em “Little Africa” bairro negro de Metropolis (não por estar preocupada com a causa racial, mas sim interessada em ganhar um Pulitzer),. Mas seus moradores se recusam a falar com ela, por ela ser branca:



Ou seja, segundo a revista, um dos problemas é que os negros são racistas. Superman lhe dá a solução para sua reportagem: utilizando uma máquina, transforma-a em negra. Então, a repórter literalmente sente na pele o problema do racismo vindo por parte dos brancos, quando um taxista não para o carro ao seu sinal e quando ela se sente observada pelos passageiros de um ônibus:





Ao chegar ao bairro, fica surpresa ao encontrar uma negra disposta a lhe ajudar, o que a leva às lágrimas:



A repórter faz amizade com o rapaz que a chamou de “branquela” no começo da história. Mas logo ele é baleado e Lois salva sua vida por meio de uma transfusão de sangue. No hospital, pergunta a Superman se ele teria coragem de se casar com ela, mesmo ela sendo negra:



Superman nem tem tempo de responder à pergunta não só racista, mas também machista, elaborada pela repórter sem noção. No quadrinho seguinte o efeito da máquina passa e ela volta a ser branca. Na última página, ela faz as pazes com o rapaz negro a quem salvou a vida.

Na televisão, uma das primeiras produções familiares a tratar do tema foi a sitcom Arnold (*Different Strokes*, 1978-1985). A sua premissa é a de que brancos e negros podem viver juntos como uma família (algo raro na televisão norte-americana da época, onde os seriados possuíam apenas atores negros ou apenas atores brancos). Phillip Drummond é um viúvo rico que decide adotar duas crianças negras, uma delas interpretada por Gary Coleman, que se tornou ator mirim de sucesso, graças ao seriado. Diversos episódios trataram o tema racismo, dentre eles “A Última Visita de Mamãe” (1978), onde a mãe do Sr. Drummond fica chocada ao descobrir a cor da pele de seus netos adotivos, *Adivinha Quem* (1980), em que Kimberly descobre que seu namorado é racista e resolve se pintar de negra para dar uma lição, e “A academia de ginástica” (1981), em que Arnold e Willis são proibidos de entrar em uma academia por serem negros.



Galera do Barulho foi uma das primeiras produções televisivas infantojuvenis a mostrar um beijo inter-racial entre personagens principais (em 1992, no episódio “The Bayside Triangle”), mas o relacionamento deles não foi adiante. Até então, seriados voltados para o público pré-adolescente nunca haviam mostrado algo tão íntimo entre um personagem negro e um branco (em seriados mais adultos, já havia aparecido no sitcom “Os Jeffersons”, em 1975). Em 1993, **Blossom** mostrou o primeiro casal inter-racial em uma série infantojuvenil, o que se repetiria em 1997 no seriado “O mundo é dos jovens”.



O primeiro beijo inter-racial em produções infantojuvenis, e o primeiro casal inter-racial

Todo mundo odeia o Chris é um seriado interessante por tratar o racismo de forma cômica. Por meio de ironias e absurdos, o personagem principal mostra como os brancos o rotulam como pobre, esportista ou possuindo um comportamento violento apenas por causa da cor da sua pele.

Em desenhos animados, *Super Choque* é um dos poucos casos a tratar do tema, ao mostrar no episódio *Filhos dos pais* (2000), que o pai de seu melhor amigo é racista. Geralmente esse tema é mostrado em animações adultas ou então utilizando animais, alienígenas ou outros seres não humanos para falar sobre preconceito com alguém diferente do “normal” (*Dumbo*, *O Patinho Feio*, etc.).

Uma das poucas produções voltadas para crianças mais novas e que tratou do tema foi a novela mexicana *Carrossel* (Carrusel), de 1989. Porém, no *remake* produzido pelo SBT em 2012, o racismo foi suavizado. Na novela original (produzida

pela Televisa), o personagem Cirilo vivia sendo humilhado pela sua amada Maria Joaquina. No terceiro capítulo, Cirilo pergunta a Maria Joaquina porque ela não atendeu a ligação que ele fez no dia anterior. Ela responde que não atendeu “porque o telefone é tão negro quanto você”. Apesar do *remake* produzido no Brasil utilizar o mesmo texto original e mostrar também Maria Joaquina não atendendo a ligação de Cirilo, o questionamento dele não foi mostrado. No primeiro capítulo da versão original, ao demonstrar pela primeira vez que é racista, a personagem Maria Joaquina manda Cirilo “se meter com os de sua cor”. No *remake*, na mesma cena, ela diz “se meta com os da sua laia”. Outro exemplo é o capítulo 81 da versão brasileira, que mostrou Cirilo sendo enganado, ao comprar um tônico embelezador, para assim ficar mais atraente para as mulheres. Na versão original, os seus colegas o enganam lhe vendendo uma pomada para ficar branco.



Cirilo brasileiro e Cirilo mexicano

Assim como nos EUA, no México, a população negra é minoria, mas em uma quantidade bem menor (cerca de 1% da população), por isso na versão original Cirilo era aparentemente o único aluno negro da escola. Isso também pode explicar o racismo exagerado da personagem Maria Joaquina (que trata Cirilo como se nunca tivesse convivido com pessoas negras). Na adaptação brasileira, a autora Íris Abravanel, ao resolver não abordar de forma explícita o racismo sofrido pelo personagem, acabou tornando desnecessário o fato de Cirilo ser o único aluno negro dentro de uma escola brasileira. Outro ponto importante é que o México trata o racismo de uma forma diferente da forma brasileira e norte-americana de tratá-lo (provavelmente por lá ter uma quantidade pequena de negros na população). Como muito bem diz MARVIN (2014), no México, “O negro é esbofeteado com mãos de fada”. Existe a preocupação em abordar o racismo, mas sem tato, sem sutileza, sem

se preocupar se aquela abordagem pode ser considerada ofensiva por alguém negro (como também mostram as controversas histórias da revista “Memin Pinguin”). O negro é mostrado como aquele excluído que tenta participar do mundo dos brancos, mas o máximo que consegue é pena e solidariedade. Ou seja, os personagens acabam ofendendo e ao mesmo tempo causam comoção.

5. CONCLUSÃO

A imagem do negro mudou muito desde suas primeiras concepções visuais e psicológicas (criadas nos shows de menestréis, metade do século XIX). Até 1950, sua caracterização estereotipada não era considerada errada, mas desde então os estúdios de produções ficcionais passaram a ter cuidado na formulação desses personagens.

Nem todos possuem essa preocupação. Japão e México são exemplos de países onde o *Blackface* não é considerado ofensivo, já que a sua população negra não passa de 1%. No país asiático, geralmente o personagem negro é um estrangeiro (ou descendente de um), e a cor da sua pele é irrelevante. No país latino, o negro é mostrado como um coitado a quem devemos ter piedade.

O Brasil importou a caracterização física estereotipada desses personagens, mas não a psicológica. Seus primeiros personagens negros falavam corretamente e não eram burros (exceto o personagem **Giby**). Outra diferença é que já existiam pelo menos quatro personagens negros infantojuvenis antes de ser criado o primeiro personagem americano de destaque, **Lothar**, em 1934.

Muitos personagens negros foram criados entre 1965-1979 graças à luta pelos direitos civis afro-americanos, mas mudanças mais profundas aconteceram a partir dos anos 90, quando o negro passou a ser mostrado de uma forma mais realista. Foi nessa década que surgiu o primeiro relacionamento inter-racial, o primeiro protagonista negro em uma produção da Disney, *Black sitcoms* com personagens adolescentes se tornaram habituais na televisão americana, assim como produções com mais de um personagem negro. São mudanças que já haviam começado a surgir nas produções adultas no final dos anos 70, mas nas produções infantojuvenis só apareceram mais de 10 anos depois.

Hoje a caracterização física dos personagens negros nas produções infantojuvenis aparentemente não causa discussão (tirando o fato de alguns possuírem traços caucasianos). Psicologicamente também não, já que não aparecem mais personagens burros, atrapalhados ou semi-analfabetos. Os problemas que ainda persistem são dois: 1) a falta de liderança (continuam, em sua maioria, sendo secundários) e 2) a “cota racial”, que coloca sempre um negro em um grupo de quatro a oito personagens, tornando esse artifício superficial. Um exemplo

é o seriado *Power Rangers*, onde em todas as suas temporadas de até então existiram 23 grupos de super-heróis com apenas um personagem negro, sendo que ele foi líder do grupo em apenas quatro oportunidades. (de um total de 31 personagens que se revezaram na função de líder⁵). Como bem diz LEAL (2015), as minorias só se tornarão personagens multifacetados quando foram tratados como pessoas, e não como minorias. O negro ganha destaque quando não está lá representado apenas por causa da cor da sua pele (em uma espécie de “cota”), e sim quando são mostradas características que o tornam humano e assim causam identificação com o leitor/espectador. Mesmo com esses problemas, é nítido o crescimento de produções com famílias negras e também o surgimento de alguns grupos de super-heróis com mais de um personagem negro.

No Brasil, o grande consumo de produções infantojuvenis estrangeiras faz com que personagens brasileiros sejam quase irrelevantes. Tirando “turma da Mônica”, personagens que já fazem parte da nossa cultura, vez ou outra surge alguma produção que faz sucesso entre esse público. A maioria delas são versões de produções antigas, que ficaram um tempo esquecidas: *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, *Menino Maluquinho* e adaptações de novelas mexicanas ou argentinas. Acaba que não se criam novos personagens, apenas se revitaliza antigos. Claro, existem exceções (*Galinha Pintadinha*, produções da TV Cultura, *Princesas do Mar*), mas são raras, até graças ao grande mercado de produções estrangeiras.

Outro ponto notado é a inspiração em pessoas reais ou em seres mitológicos na criação de boa parte dos personagens negros infantis brasileiros.

Em relação à representatividade, as produções americanas possuem uma quantidade de personagens negros de acordo com sua população. Já no caso brasileiro, nossa representatividade está mais próxima dos 13% de afro-americanos do que os 53% afro-brasileiros existentes. Acaba não sendo uma representatividade ideal para nós, talvez isso aconteça por copiarmos muito o que é feito lá fora, mas é algo complicado de se analisar, já que nos países que produzem muitas produções ficcionais (EUA, Japão, México e Europa), o negro é minoria (não temos como nos comparar a outro país onde o negro é maioria). Deve se levar em conta também que existem poucos personagens brasileiros infantojuvenis, então, no final das contas, a nossa representatividade é a representatividade do estrangeiro (principalmente do americano).

⁵ Segundo o “Ranger Wiki”

O racismo é um tema complicado de discutir nestas produções, por ser algo muito delicado. É interessante ver que uma novela mexicana foi a que mais tratou do assunto de forma recorrente (já que nas outras produções, quando acontece, geralmente é em apenas um episódio ou em uma história), mas não porque o México está comovido com o assunto, e sim por eles não se preocuparam em tratar o tema da forma mais crua possível, mostrando a humilhação que ela pode ocasionar.

Em produções audiovisuais, foram encontradas até 1994 doze produções que abordaram o racismo. Depois dessa data, foram encontradas apenas três produções, a última de 2009⁶. Desconsidera-se o remake de *Carrossel*, que suavizou demais o tema, a ponto que não dá pra perceber se o personagem negro é rejeitado por sua cor ou por outro motivo qualquer. Isso mostra que nos dias atuais, existe um receio em tratar o preconceito nas produções infantojuvenis, provavelmente com medo de incentivá-lo.

Pode-se concluir que há um avanço na caracterização e na representatividade dos personagens negros infantojuvenis, mas existe um retrocesso no tratamento do tema racismo. O negro ainda precisa ter mais papéis principais nestas histórias e o preconceito não deveria ser tratado como algo que não existe mais (ou deveria?).

⁶ Verificado em "Apêndice A: sinopses de produções audiovisuais"

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBUQUERQUE, WLAMYRA R. DE; FRAGA FILHO, WALTER. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. 320 p.

ALEARTE QUADRINHOS. **Luana**: a história de um projeto pioneiro. Disponível em: <<http://alexandrehq.blogspot.com.br/2013/11/luana-historia-de-um-projeto-pioneiro.html>>. Acesso em: 27/05/2015.

ALL THE TROPES. Disponível em: <https://allthetropes.orain.org/wiki/Main_Page>. Acesso em: 18/05/2015.

ANIMATOONS. **Desenhos racistas?** Disponível em: <<http://www.animatoons.com.br/2010/08/12/desenhos-racistas/>>. Acesso em: 03/02/2015.

ARNOLD, Andrew D. Never too late. Set. 2003. Disponível em <<http://content.time.com/time/arts/article/0,8599,488263,00.html>>. Acesso em 26/10/2015.

BASÍLIO, Cláudio Roberto. **Os negros nas histórias em quadrinhos**. Março, 2005. Disponível em <http://hqmaniacs.uol.com.br/principal.asp?acao=materias&cod_materia=297>. Acesso em 25/10/2015.

BLOG INTO MISTERY. **Li'l Eight Ball sends Black History Month out on an unfortunate down note**. Disponível em: <<http://blogintomystery.com/2013/02/27/li-l-eight-ball-sends-black-history-month-out-on-an-unfortunate-down-note-new-funnies-96/>>. Acesso em 10/10/2015.

CASTILHO, Suely Dulce de. A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v.7, n.1, p.103-113, 2004.

CHILDREN OF THE 90s. **The “very special” episode**. Disponível em: <<http://childrenofthenineties.blogspot.com.br/2009/06/very-special-episode.html>>. Acesso em: 20/05/2015.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel**: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros. USP: 2013. 282 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação).

CHRISTOPHER, Tom. **Orrin C Evans and the story of All Negro Comics**. 2002. Disponível em < <http://www.tomchristopher.com/?op=home/Comic%20History/Orrin%20C.%20Evans%20and%20The%20Story%20of%20All%20Negro%20Comics>>. Acesso em 28/10/2015.

CINEMA DA HISTÓRIA. **O Blackface: Como “denegrir” a imagem do negro no Cinema**. Disponível em: <http://cinemadahistoria.blogspot.com.br/2012/06/o-blackface-como-denegrir-imagem-do.html>. Acesso em 10/10/2015.

COMIC BOOK RESOURCES. **Comic Book Legends Revealed #467**. Abr., 2014. Disponível em < <http://goodcomics.comicbookresources.com/2014/04/18/comic-book-legends-revealed-467/2/>>. Acesso em 31/10/2015.

COSPLAY Tutorial. **Personagens NEGROS e MULATOS de animes e desenhos**. Mar., 2013. Disponível em < <https://cosplaytutorial.wordpress.com/2013/03/17/personagens-negros-e-mulatos-de-animes-e-desenhos/>>. Acesso em 26/10/2015.

CRACKED. **5 Inexplicably Horrifying Episodes of Classic Comedies**. Disponível em: <http://www.cracked.com/article_19401_5-inexplicably-horrifying-episodes-classic-comedies.html>. Acesso em: 09/05/2015.

DVD TALK. **The 15 Greatest "Very Special Episodes" of All Time**. Disponível em: <<http://forum.dvdtalk.com/tv-talk/571580-15-greatest-very-special-episodes-all-time.html>>. Acesso em: 15/05/2015.

DRAGON BALL WIKI. Disponível em <<http://dragonball.wikia.com/wiki/Category:Characters>>. Acesso em 07/11/2015.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Guilhermina e Candelário**: TV Brasil lança em Brasília série infantil colombiana. Disponível em < <http://www.ebc.com.br/sobre-a-ebc/sala-de-imprensa/2015/10/guilhermina-e-candelario-tv-brasil-lanca-serie-infantil>>. Acesso em 18/10/2015.

EPISODES of kids' cartoons with heavy subject matter. In: cartoons and animation (board). Disponível em: <<http://www.gamefags.com/boards/203-cartoons-and-animation/66597915>>. Acesso em: 02/02/2015.

FLASHBAK. **TV Nightmares: 10 Highly Disturbing Sitcom Episodes of the 70s and 80s**. Disponível em: <<http://flashbak.com/tv-nightmares-10-highly-disturbing-sitcom-episodes-of-the-70s-and-80s-5813/>>. Acesso em: 18/05/2015.

GONÇALVES, Luis Cláudio. **A saga dos heróis negros nos quadrinhos!!**. Disponível em < <http://www.universosimulado.com/?p=1910>>. Acesso em 25/10/2015.

GUTEMBERG. **O negro nas histórias em quadrinhos**. Nov., 2012. Disponível em < <http://blogdogutemberg.blogspot.com.br/2012/11/onegro-nas-historias-em-quadrinhos-01.html>>. Acesso em 31/10/2015.

HARRIS, Scott. **Great moments in comics: the black bomber**. Jul., 2010. Disponível em < <http://comicsvault.blogspot.com.br/2010/07/great-moments-in-comics-black-bomber.html>>. Acesso em 31/10/2015.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/2012/>>. Acesso em: 24/05/2015.

JEST. **The 50 Best "Very Special" Episodes**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QxTPgaAE3Eo>>. Acesso em: 17/05/2015.

LEAL, Pedro Henrique. **As minorias nos quadrinhos: Whitewash Jones, Steamboat e a caricatura**. Ago., 2014. Disponível em < <http://coletivometranca.com.br/as-minorias-nos-quadrinhos-whitewash-jones-steamboat-e-a-caricatura/>>. Acesso em 31/10/2015.

_____. **Minorias nas hqs: o “outro” no mundo dos super heróis**. Set., 2015. Disponível em < <http://coletivometranca.com.br/minorias-nas-hqs-o-outro-no-mundo-dos-super-herois/>>. Acesso em 31/10/2015.

LOBÃO, David Denis. **A vez dos negros nos animes**. Disponível em <http://www2.uol.com.br/ohayo/v2.0/anime/materias/nov23_especial.shtml>. Acesso em 06/11/2015.

LOPES, Helena Theodoro. **Negro e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Unibrade; Unesco, 1987. (Pequena enciclopédia da cultura brasileira).

MADISON III, Ira. **Do You Remember When Lois Lane Tried To Be Black?**. Jun, 2015. Disponível em < <http://www.buzzfeed.com/iramadison/you-are-a-sister-not-a-sistah#.isVajjpQMk>>. Acesso em 31/10/2015.

MARTINS, Andréia. **Representação do negro na TV: antigos estereótipos e busca de contextos positivos**. Disponível em <<http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/representacao-do-negro-na-tv-antigos-estereotipos-e-busca->

[contextos-positivos.htm](#)>. Acesso em 22/10/2015.

MARVEL. **Featured characters**. Disponível em <<http://marvel.com/comics/characters>>. Acesso em 25/03/2015.

MARVIN. **Memin Pinguin, o gibi racista do México**. Fev., 2014. Disponível em <<http://jornalggn.com.br/noticia/memin-pinguin-o-gibi-racista-do-mexico>>. Acesso em 01/11/2015.

MASCARENHAS, Thales. **Desenhos Animados Racistas**. Disponível em: <<http://talesofthales.blogspot.com.br/2014/11/desenhos-animados-racistas.html>>. Acesso em: 03/02/2015.

MENTAL_FLOSS. **12 Very Special 'Very Special Episodes'**. Disponível em: <<http://mentalfloss.com/article/49456/12-very-special-very-special-episodes>>. Acesso em: 09/05/2015.

MONIPEDIA. **Madame Creuzodete do Abaeté**. Disponível em <http://pt-br.turmadamonica.wikia.com/wiki/Madame_Creuzodete_do_Abaeté>. Acesso em 05/02/2015.

MOVIE-CENSORSHIP.COM. **Donald Duck #10 Voodoo Hoodoo**. Disponível em <<http://www.movie-censorship.com/report.php?ID=189389>>. Acesso em 26/10/2015.

MULTIVERSO bate-boca (fórum). **Personagens negros mal elaborados - ou algo parecido com isso!**. Disponível em <<http://www.mbbforum.com/mbb/showthread.php?34813-Personagens-negros-mal-elaborados-ou-algo-parecido-com-isso!>>. Acesso em 24/10/2015.

NETO, Marcolino Gomes de Oliveira. **Entre o grotesco e o risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil**. Abr., 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200065&lang=pt>. Acesso em 10/10/2015.

PILGRIM, Caren. **Como surgiu o 1º personagem negro da turma de Charlie Brown**. Nov., 2014. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/noticias/como-surgiu-o-1o-personagem-negro-da-turma-de-charlie-brown>>. Acesso em 26/10/2015.

POP culture addict life guide, a. **Diff'rent Strokes**. Disponível em: <<http://popcultureaddictlifeguide.blogspot.com.br/2013/02/different-strokes.html>>. Acesso em: 16/05/2015.

RANGER WIKI. **PR Team Leaders**. Disponível em <http://powerrangers.wikia.com/wiki/Category:PR_Team_Leaders>. Acesso em 17/11/2015.

ROOKIE. **A Very Special Article About Very Special Episodes**. Disponível em: <<http://www.rookiemag.com/2012/09/a-very-special-article-about-very-special-episodes/>>. Acesso em: 16/05/2015.

SERAFINO, Jason. **The 25 Most Memorable Black Comic Book Characters**. Disponível em <<http://www.complex.com/pop-culture/2013/02/the-25-most-memorable-black-comic-book-characters/>>. Acesso em 24/10/2015.

SILVA, Marcella de Holanda Padilha Dantas da. **Negritude e infância: cultura, relações étnico-raciais e desenvolvimento de concepções de si em crianças**. 2010. 198 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia).

STRIPPER'S GUIDE. **Two from Ollie Harrington**. Disponível em <<http://strippersguide.blogspot.com.br/2006/08/two-from-ollie-harrington.html>>. Acesso em 10/10/2015.

THE FW. **15 Very Awesome 'Very Special' Sitcom Episodes [VIDEOS]**. Disponível em: <<http://thefw.com/very-special-sitcom-episodes/>>. Acesso em: 09/05/2015.

TOM AND JERRY ONLINE. **The butchery of Tom and Jerry**. Disponível em: <<http://www.tomandjerryonline.com/censoredtnj.cfm>>. Acesso em: 24/05/2015.

TV TROPES. Disponível em: <<http://tvtropes.org>>. Acesso em: 19/05/2015.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **As diferenças entre preconceito racial e discriminação racial**. Disponível em <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/08/diferencas-preconceito-racial-discriminacao-racial.html>>. Acesso em 23/10/2015.

VILELA, Túlio. Neocolonialismo e quadrinhos: **O Fantasma**: primeiro herói mascarado dos quadrinhos. Fev., 2011. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/neocolonialismo-e-quadrinhos-o-fantasma-primeiro-heroi-mascarado-dos-quadrinhos.htm>>. Acesso em 26/10/2015.

7. APÊNDICE A: SINOPSES DE PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS

Lista de sinopses de produções audiovisuais infantojuvenis encontradas que tratam do tema racismo:

Arnold (Diff'rent Strokes). Diversos episódios trataram do tema, dentre eles:

A Última Visita de Mamãe (1978). A mãe do Sr. Drummond chega para uma visita inesperada e tem uma reação adversa ao descobrir que seus filhos adotivos são negros.

A namorada de Arnold Parte 1 (1979). O pai de Alice, Fred Tanner, é um rico que está interessado em um negócio com o Sr. Drummond. Drummond rasga um cheque de \$500.000 quando descobre que o homem é um racista.

Adivinha Quem (1980). O Sr. Drummond empresta à Arnold um gravador e Arnold grava o namorado de Kimberly, Roger que faz um comentário racista sobre Willis a sua irmã.

A academia de ginástica (1981). Arnold e Willis são proibidos de entrar em uma academia por serem negros.

Blossom. Episódio: *Carne* (1994). Anthony passa pela primeira vez por uma experiência de racismo desde que se casou com Shelley.

Carrossel (1989 e 2012). Cirilo é um garoto negro que é rejeitado pela sua amada e colega de classe Maria Joaquina por causa da cor da sua pele.

Entre Baladas & Blues (Perfect harmony, 1991). Aluno branco de tradicional escola para meninos do Sul dos EUA faz amizade com jovem negro que possui extraordinário talento musical. O amor pela música une os dois amigos, fazendo-os vencer os preconceitos raciais.

Gimme A Break. Episódio: *Bebê da família* (1984). Para se vingar de Nell por não deixá-la ir em uma viagem de pesca, Sam faz Joey pintar uma “Blackface” durante a apresentação de um coral.

Um maluco no pedaço (Fresh Prince of Bel-Air). Diversos episódios tratam do tema, dentre eles:

Troquei as bolas (1990). Will e Carlton acabam sendo presos enquanto dirigiam o carro de luxo de Phil, pois os policiais acham que eles são ladrões de carro.

A história por trás da História (1991). Will se queixa de suas aulas de História e exige que a história dos negros faça parte da matéria. Mas ele não esperava que seu professor seria substituído por Vivian.

Adivinha quem é o noivo? (1991). Janice, tia de Will, anuncia que irá se casar, mas ninguém esperava que seu noivo fosse branco. Todos ficam revoltados, principalmente a mãe de Will, que se recusa a ir ao casamento e também proíbe Will de fazer o mesmo.

Super Choque (Static shock). Episódio: Filhos dos pais (Sons of the fathers, 2000). Richie convida Virgil para passar a noite em sua casa. Infelizmente seu pai chega em casa cedo, e é revelado que o Sr. Foley é um racista que não gosta de afro-americanos.

Todo mundo odeia o Chris (Everybody Hates Chris, 2005-2009). Muitos episódios tratam do racismo, mas de forma humorada. Chris é o único estudante negro da classe, onde sua professora é racista.

Tudo em família (Growing Pains). Episódio: Filho afortunado (1989). Mike descobre que seu novo chefe é um racista.

As visões de Raven (That's So Raven). Episódio: Cores verdadeiras (2005). Raven não passa em um teste para empregada de uma loja de roupas. Tem então uma visão de que a gerente da loja diz: "A verdade é que eu não contrato pessoas negras".

8. APÊNDICE B: PRODUÇÕES PRESENTES NO DVD

1 – Censored Eleven:

Hittin' the Trail for Hallelujah Land, 1931;
 Sunday Go to Meetin' Time, 1936;
 Clean Pastures, 1937;
 Uncle Tom's Bungalow, 1937;
 Jungle Jitters, 1938;
 The Isle of Pingo Pongo, 1938;
 All This and Rabbit Stew, 1941;
 Coal Black and de Sebben Dwarfs, 1943;
 Tin Pan Alley Cats, 1943;
 Angel Puss, 1944.
 Goldilocks and the Jivin' Bears, 1944.

2 - Episódios de seriados:

Arnold: Adivinha Quem;
 A Namorada de Arnold (Parte 1)
 A Última Visita de Mamãe;
 Blossom: Carne;
 Um maluco no pedaço: Troquei as bolas;
 A história por trás da História;
 Adivinha quem é o noivo;
 Super Choque: Filhos dos pais;
 As visões de Raven: Cores verdadeiras.

3 – Fantasia: Cenas cortadas de “Sunflower”

4 – Edição de cenas de “Todo mundo odeia o Chris”

5 – Edição de cenas de “Carrossel”

6 – Capítulo de Carrossel (versão mexicana) sobre a pomada de Cirilo